



III CLÁSSICOS III
GREGOS III

ÉSQUILO

AGAMENON

EDITORA

UnB

Após se diferenciar dos rituais religiosos, em função de sua especificidade artística, o teatro surge como nova forma de expressão para uma sociedade nova que emerge na pólis grega. Agamenon, de Êsquilo atesta essa reviravolta cultural helênica. Encenada em festivais dramáticos em honra ao deus Dioniso, reinterpretando o legado tradicional épico de Homero, este teatro conjuga os tempos da cidade e o passado mítico. Em Agamenon , pois, encontram-se os caminhos da história, entre as novas leis da razão e as velhas leis do sangue, um tribunal para a pólis e um sacrifício para os deuses. No século V antes de Cristo, o Ocidente encontrava a encruzilhada que lhe deu origem.

AGAMENON



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

João Cláudio Todorov

Vice-Reitor

Erico P. S. Weidle

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Emanuel Araújo

Alexandre Lima

Álvaro Tamayo

Aryon Dall Igna Rodrigues

Dourimar Nunes de Moura

Emanuel Araújo

Euridice Carvalho de Sardinha Ferro

Lúcio Benedito Reno Salomon

Marcel Auguste Dardenne

Sylvia Ficher

Vilma de Mendonça Figueiredo

Volnei Garrafa

ÉSQUILO

AGAMENON

*Introdução, versão do grego
e notas
Manuel de Oliveira Pulquério*

EDITORA

UnB

Direitos exclusivos para esta edição:
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
SCS Q.2 - Bloco C - nº 78 - 2º andar
70300-500 - Brasília - DF - Fax (061) 225-5611

Copyright © 1997 by Manuel de Oliveira Pulquério

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da editora.

Impresso no Brasil

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO CLÁSSICOS GREGOS
MARCUS SANTOS MOTA

EDITOR
MARIA DO CARMO TEIXEIRA RAINHO

REVISÃO
JOSÉ CLAUDIO DA SILVEIRA MATTAR

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA
JORGE PASSOS MARINHO

CAPA
CRISTINA GOMIDE (FORMATOS DESIGN E INFORMÁTICA)

SUPERVISÃO GRÁFICA
ELMANO RODRIGUES PINHEIRO

ISBN: 85-230-0453-x
Código EDU: 032239

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central
da Universidade de Brasília

Agamenon
S681 Agamenon / Ésquilo; trad. de Manuel de Oliveira
Pulquério. — Brasília : Editora Universidade de Brasília.
1997
77 p.

Título I. Literatura grega. I. Pulquério, Manuel de Oliveira. II.

CDU 875

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

AGAMENON 11

Personagens do Drama 13

Prólogo 13

Párodo 14

Episódio I 19

Estásimo I 22

Episódio II 25

Estásimo II 31

Episódio III 33

Estásimo III 39

Episódio IV 40

Episódio V 51

Êxodo 58

NOTAS 63

BIBLIOGRAFIA 75

INTRODUÇÃO

Regressando a casa após a destruição de Tróia, com o rosto marcado por todos os sulcos da ambição e da glória, Agamenon vem encontrar uma morte miserável às mãos de sua mulher, Clitemnestra, que vinga com o sangue a morte de uma filha, a clamar por expiação desde os trágicos dias de Áulide (vv. 1525-7). O sacrifício de Ifigênia, que nos é relatado no párodo da peça, ocupa, por isso, uma posição central na problemática do destino de Agamenon, que, de aparente executor da vontade de Zeus, ao chefiar a expedição grega contra Tróia, se converte no “homem acabado”, como Clitemnestra o designa com sinistra ambi-güidade.

A morte da virgem inocente aparece, porém, estranhamente vinculada à atuação da deusa Ártemis, que, de forma algo misteriosa, condiciona a realização da expedição a Tróia à imolação de Ifigênia, a filha do Átrida Agamenon. A idéia generalizada de que a guerra de Tróia traduz a vontade de Zeus Σέβιος, gravemente ofendido no rapto de Helena, cria, porém, enormes dificuldades à interpretação dos acontecimentos na tragédia. Se Agamenon é ministro de Zeus no comando da expedição, como explicar os entraves postos por Ártemis à realização do projeto guerreiro e, sobretudo, o terrível condicionalismo do sacrifício de Ifigênia, para que a armada possa obter os ventos favoráveis à sua saída de Áulide? E como entender o destino trágico de Agamenon, o heróico executor da vontade de Zeus? É a morte o prêmio digno dos seus serviços? Teremos de admitir, como Kito,¹ uma cisão inexplicável no plano divino, que opõe Ártemis a Zeus, ou, pelo contrário, o acordo

das vontades divinas em relação ao castigo do raptor sacrílego? Mas, neste último caso, como situar num plano de inteligibilidade a exigência atroz da morte de uma virgem inocente com que Ártemis confronta os chefes da expedição?

Estas dificuldades são, em minha opinião, inteiramente superadas pela idéia de que tanto Ártemis como Zeus se opõem radicalmente à empresa troiana.² Agamenon, cego pelos motivos pessoais que o determinam, não compreende esta realidade e chega a confundir o seu desejo com a vontade dos deuses. No passo crucial em que ele se debate com o problema da decisão (sacrificar a filha ou renunciar à expedição para Tróia), vêmo-lo identificar a obediência a Ártemis com o respeito pelos seus aliados:

«Sorte pesada é não obedecer, mas pesada também se dilacerar a minha filha, o ornamento da minha casa, manchando as minhas mãos de pai nas correntes de sangue de uma donzela imolada junto do altar. Qual destes dois partidos é isento de mal? Como me hei de tornar um desertor da frota, traíndo os meus aliados?» (vv. 206-13).

Se a desobediência referida no início desta fala de Agamenon é, como parece, referida a Ártemis (não faz sentido falar, como Heitzel, de “desobediência militar”,³ além do mais porque Agamenon é o comandante supremo da expedição), então é significativo que, ao retomar o tema, Agamenon já não pense na deusa, mas na lealdade devida aos chefes militares, seus associados na ação: «Como me hei de tornar um desertor da frota, traíndo os meus aliados?».

Este equívoco monstruoso de supor os deuses empenhados numa empresa só possível pela prévia imolação de uma donzela inocente, vai expor Agamenon às conseqüências de uma lei instituída por Zeus: a “aprendizagem pelo sofrimento” (*πάθει μάθος*). O famoso hino a Zeus, centro desta vasta reflexão sobre culpa e destino que é o Agamenon, define com esta lei os parâmetros de uma ação, que, antes de ser julgada pelos deuses, é condenada inapelavelmente pelos homens. O Coro é esta voz coletiva que se pronuncia sem hesitações sobre o sentido dos acontecimentos. Calcas, o adivinho, anunciara, em nome de Ártemis, o remédio «mais pesado do que a tempestade amarga» (vv. 199-200) para a falta de ventos que oprimia a armada grega e Agamenon, em vez de «resistir ao adivinho» (quer dizer, em vez de recusar a solução proposta), vai «dobrar-se à sorte que o feria» (*ἐμπαίσις τύχαισι συμπνέων*).

v. 187). O composto *συμπνέων* (lit. ‘soprando na mesma direção de’) traduz esta cumplicidade com o destino, que é o cerne da ação do Agamenon, e permite entender a questão altamente problemática da referência, feita logo a seguir, ao jugo da necessidade (*ἀνάγκης λέπαῖδον*. v. 218) a que se verga o espírito do Átrida. Page fala, neste contexto da resolução do sacrifício de Ifigênia, de «compulsão do destino»,⁴ mas a situação não tem esta linearidade. Logo após a tomada de decisão de Agamenon, vem o passo decisivo:

«E, quando, ao sopro de mudança de um vento ímpio, impuro, sacrílego, o seu espírito se dobrou ao jugo da necessidade, então ele assumiu um pensamento capaz de todas as audácias. Pois a demência funesta, que é a primeira causa dos nossos males, inspira aos mortais ousadia com os seus vergonhosos conselhos. Foi assim que ele teve a coragem de sacrificar a sua filha...» (vv. 218-225).

Tudo neste texto se harmoniza com a afirmação anterior de que é o Átrida que assume conscientemente, e voluntariamente, o destino (*ἐμπαίοις τύχαισι συμπνέων*). A decisão de sacrificar a filha tomou-a com liberdade que a luta travada no seu íntimo testemunha: «Sorte pesada é não obedecer, mas pesada também se dilacerar a minha filha...» (vv. 206-8). A “sorte” aqui é, claramente, construída pelo próprio, que fala significativamente de uma dupla “sorte”. Só assim tem sentido falar de uma culpa pessoal de Agamenon.

De outra dimensão da culpa fala Cassandra, a sacerdotisa troiana, que Apolo, servindo-se de Agamenon, arrasta para a ruína. No diálogo, sulcado misteriosamente por reminiscências e antevisões, que esta trava com o Coro (v. 1090 e segs.), avulta⁵ a existência em Agamenon de uma culpa que não tem que ver com a sua responsabilidade pessoal, dado que se prende à atuação de seu pai Atreu, autor de um crime hediondo na pessoa dos filhos de seu irmão Tiestes. Esse festim maldito, em que as carnes de crianças inocentes são servidas ao próprio pai, iludido por falsos sinais de reconciliação, continua a marcar como um estigma indelével esta geração destinada ao desastre. E é Agamenon que, associando à culpa pessoal a culpa hereditária, vai iniciar este processo de expiação, a que estão vinculados os descendentes de Atreu. Clitemnestra invocará este *daimon* sangrento, que habita o palácio dos Átridas, para se justificar do crime perpetrado contra seu marido (v. 1497 e segs.). Em vão. O Coro sabe que esse “gênio vingador” apenas lhe assistiu como

cúmplice (v. 1508). E Clitemnestra assume plena e orgulhosamente a sua responsabilidade, completando, de forma definitiva, a sua imagem de mulher «de másculos desígnios» (v. 11), que, no momento da sua afirmação humana, ganha surpreendentemente demoníacas proporções.⁶ Afinal o *daimon* vingador gera-se, ou não, no sangue das suas entranhas?

Deste modo as personagens centrais da tragédia, Agamenon e Clitemnestra, aparecem iluminadas por uma luz de trágica responsabilidade que lhes agiganta a estrutura e, ao mesmo tempo, projeta uma sombra em que se ocultam forças divinas e humanos perfis, prenunciadores do futuro. Deste mundo de sombras sairá Orestes para, a seu tempo, vir desempenhar o seu papel.

AGAMENON

PERSONAGENS DO DRAMA

Vigia
Clitemnestra
Agamenon
Coro
Egisto
Arauto
Cassandra

PRÓLOGO

*A cena figura o palácio dos Átridas em Argos.
Estendido no telhado, encontra-se um Vigia, que
espera o sinal de fogo anunciador da queda de Tróia.*

VIGIA

Aos deuses peço a libertação destes trabalhos, desta guarda que monto vai para um ano, deitado sobre os cotovelos,¹ como um cão, em cima do telhado dos Átridas. Já aprendi a conhecer a assembléia dos astros noturnos e, entre eles, os que trazem o inverno e o verão aos mortais, brilhantes senhores que se distinguem no céu. Sei tudo dos seus ocasin² e dos seus nascimentos. 5

E agora aguardo o sinal do facho, o esplendor de fogo que trará de Tróia a notícia da sua conquista. Assim o determina o coração de uma mulher, de máscula vontade, cheio de expectativa. E quando eu mudo de lugar, durante a noite, variando o meu leito úmido de orvalho, que não é vigiado pelos sonhos — pois é o terror que, em vez do sono, me assiste, impedindo-me de cerrar firmemente as pálpebras —, quando me apetece cantar ou trautear qualquer coisa, fazendo em mim esta incisão³ do canto como remédio contra o sono, então choro, deplorando a triste 15

* A numeração à margem do texto corresponde aos versos do original em grego (N. do E.).

sorte desta casa que já não é, como dantes, excelentemente governada.
20 Mas agora, que surja enfim a feliz libertação dos meus cuidados com a
aparição do fogo das boas notícias no meio das trevas!

*Um clarão acende-se, de súbito, na distância: o
Vigia põe-se de pé num salto, emocionado.*

Salve, ó facho, que fazes brilhar na noite a luz do dia, anunciando
a formação em Argos de muitos coros de dança, em ação de graças por
este feliz acontecimento.

25 Hurra! Hurra!

À mulher de Agamenon eu digo claramente que se levante do seu
leito o mais depressa que puder, para erguer no palácio um grito de bom
augúrio em honra deste facho, se, como parece, a cidade de Tróia foi
30 tomada, conforme este archote, à evidência, o proclama. Pelo que me
toca, vou já abrir a dança e, já que os meus senhores foram felizes no
lançamento dos dados, moverei de acordo a peça: este sinal de fogo
representa para mim um triplo seis.⁴

35 Mas que, pelo menos, me seja dado apertar, na minha, a mão queri-
da do senhor da casa enfim regressado! O resto calo: um grande boi pesa
sobre a minha língua. A própria casa, se tomasse voz, falaria muito cla-
ramente. De minha parte, falo de boa vontade com os que sabem; com
os que não sabem esqueço tudo.

*Entra no palácio. Pouco depois a orquestra é
ocupada pelo Coro, constituído por doze anciãos
de Argos.*

PÁRODO

CORO

40 Este é o décimo ano depois que os grandes adversários legais de Príamo,
os reis Menelau e Agamenon, par poderoso dos Átridas, honrado por Zeus
com um duplo trono e um duplo cetro, largaram desta terra com uma frota
45 argiva de mil naus, para apoiar, com as armas, o seu direito.

Soltavam grandes gritos de guerra do seu coração irado, como abutres que, ao darem pela falta da ninhada, em extrema⁵ dor, sobrevoam em círculos os ninhos, sulcando o ar com os remos das asas, frustrados em seu esforço de guardar os leitões de seus filhos. Mas alguém do alto, Apolo ou Pã ou Zeus, ouvindo o grito agudo, entre lamentos, dos pássaros, estes metecos⁶ do céu, envia aos culpados a Erínia⁷ vingadora. Assim, aquele que é superior em poder. Zeus hospitaleiro, envia contra Alexandre os filhos de Atreu, condenando dânaos e troianos, igualmente, a lutas sem conta, tudo por causa de uma mulher que foi de muitos maridos. E os membros dos guerreiros pesarão até tocarem os joelhos no pó e haverá lanças despedaçadas no prelúdio⁸ das batalhas. Mas as coisas neste momento são o que são e hão de ter o fim que lhes está marcado pelo destino: nem gemidos,⁹ nem libações, nem lágrimas aplacarão as iras inflexíveis das oferendas em que a chama não pode pegar.

Mas nós, cuja velha carne já não é capaz de pagar a sua dívida, que vimos partir a expedição vingadora e ficamos para trás, aqui estamos, regendo com um bastão um força de crianças. Pois a medula que governa¹⁰ nos peitos jovens é igual à dos velhos: Ares não está no seu posto. Assim, a extrema velhice vê a sua folhagem secar completamente enquanto caminha sobre três pés e, com o vigor de uma criança, erra como um sonho que aparece à luz do dia.

Mas tu,¹¹ filha de Tíndaro, rainha Clitemnestra, diz-nos o que há. Que notícias tens para nos dar? Que foi que ouviste? Que mensagem te convenceu a organizar sacrifícios por toda a parte? Todos os deuses que administram a cidade, os superiores e os ctônicos, os do céu e os da praça pública, têm os seus altares abrasados do fogo das oferendas. E de toda a parte se elevam archotes, altos como o céu, medicados pelos brandos e puros incitamentos do óleo santo, vindo das íntimas estâncias do palácio real. De tudo isto, consente em me dizer o que te é possível e lícito revelar e sê o médico desta ansiedade que, ora, como neste momento, me povoa o espírito de pensamentos de desgraça, ora cede o lugar à suave¹² esperança, que se ergue das chamas dos sacrifícios para repelir o cuidado insaciável da dor que o ânimo devora.

estrofe

Tenho plena autoridade para celebrar o comando auspicioso da ex-

pedição realizada por homens no apogeu da sua força: na minha idade,
105 os deuses ainda sopram sobre mim, qual outra forma de vigor guerreiro,
a persuasão dos cantos. Direi como a força de dois tronos dos aqueus, o
110 concorde comando da juventude helênica, partiu, com lança e braço vinga-
dador, para a terra dos teucros por obra de um presságio guerreiro: aos
115 reis das naus apareceram duas rainhas¹³ das aves, uma negra, a outra de
cauda branca. Surgiram perto do palácio, do lado da mão que brande a
lança, em lugar bem visível, devorando uma lebre que tem ainda no
120 ventre a sua ninhada e que se vê privada¹⁴ da sua última corrida. Solta
um grito de dor, um grito de dor, mas que o bem triunfe!

antístrofe

Vendo esta cena, o prudente adivinho do exército reconheceu nos
devoradores da lebre os dois belicosos Átridas, distintos na maneira de
125 ser, os próprios chefes da expedição. E assim falou, interpretando o pro-
dígio: «Com o tempo esta expedição apossar-se-á da cidade de Príamo e
os tesouros que, ao longo¹⁵ dos anos, um povo amontou nas torres das
130 muralhas serão violentamente saqueados pelo destino. Mas que nenhuma
desgraça,¹⁶ vinda dos deuses, escureça o grande freio de Tróia, feito
135 exército, com algum golpe antecipado.¹⁷ É que a pura Ártemis detesta a
casa dos Átridas por causa dos alados cães de seu pai, que imolaram a
pobre lebre antes de dar à luz a sua prole: ela odeia o festim das águias».
Solta um grito de dor, um grito de dor, mas que o bem triunfe!

épodo

140 Sendo a Bela¹⁸ tão benevolente com os frágeis rebentos, quais gotas¹⁹
de orvalho, dos ferozes leões, comprazendo-se com as crias de leite
de todos os animais selvagens, pede²⁰ a Zeus que realize o que estas
145 coisas pressagiam, as visões ao mesmo tempo favoráveis²¹ e lamentá-
veis das aves. Mas eu invoco o Peã²² dos gritos agudos, para que ela não
prepare aos dânaos alguma impossibilidade de navegar, soltando ventos
150 contrários que retenham os navios longamente no porto, criando assim
as condições para outro sacrifício²³ sem lei e sem festim, artífice inato
de discórdias que não pouparão sequer um marido: à espera fica, pronta
155 para se erguer um dia, uma ecônoma pérfida e terrível, a ira, que não
esquece a vingança de uma filha.

estrofe 1ª

Zeus, quem quer que ele seja, se lhe é grato este nome, com ele o invoco. Pesando tudo, não vejo o que possa comparar-se a Zeus, quando se trata de expulsar do nosso pensamento o peso vão da ansiedade. 160
165

antístrofe 1ª

Houve outrora um deus²⁴ que foi grande e regurgitava de audácia, pronto para todos os combates: dele não se dirá sequer um dia que existiu. E o²⁵ que depois nasceu, partiu, ao achar o seu vencedor.²⁶ Mas aquele que, em hino jubiloso, celebra a vitória de Zeus, ergue-se à sabedoria suprema. 170
175

estrofe 2ª

Foi Zeus que guiou os homens para os caminhos da prudência, estabelecendo como lei válida a aprendizagem pelo sofrimento. Quando, em vez do sono, goteja diante do coração uma dor feita de remorso, mesmo a quem não quer chega a sabedoria. E isto é favor violento²⁷ dos deuses que se sentam ao leme celeste. 180

antístrofe 2ª

Foi assim que o mais velho dos chefes das naus aquéias preferiu dobrar-se à sorte que o feria a resistir a um adivinho, enquanto a demora no porto esgotava as provisões, oprimindo o povo aqueu, preso à terra fronteira a Cálcis, nos lugares de Áulis onde as ondas rugem nos seus fluxos e refluxos. 185
190

estrofe 3ª

E ventos vindos do Estrímon²⁸ provocavam as funestas demoras, a fome, os ancoradouros difíceis, a vagabundagem das tripulações, não poupavam as naus e as amarras, tornando duplamente longo o tempo, e, com o desgaste, consumiam a flor dos argivos. E, quando o profeta, dando por garante Ártemis, proclamou aos chefes²⁹ outro remédio mais pesado do que a tempestade amarga, então os Átridas, batendo no solo 195
200

com os seus cetros, não puderam conter as lágrimas.

antístrofe 3ª

205 E o mais velho dos chefes, erguendo a voz, assim falou: «Sorte
pesada é não obedecer, mas pesada também se dilacerar a minha filha, o
210 ornamento da minha casa, manchando as minhas mãos de pai nas cor-
rentes de sangue de uma donzela imolada junto do altar. Qual destes
dois partidos é isento de mal? Como me hei de tornar um desertor da
frota, traíndo os meus aliados? Não trairei, já que é justo desejar com
215 ardor extremo o sacrifício que, para domar os ventos, fará correr o san-
gue de uma virgem. E oxalá seja para o bem!»

estrofe 4ª

220 E, quando, ao sopro de mudança de um vento ímpio, impuro, sacrí-
lego, o seu espírito se dobrou ao jugo da necessidade, então ele assumiu
um pensamento capaz de todas as audácias. Pois a demência funesta,
que é a primeira causa dos nossos males, inspira aos mortais ousadia
225 com os seus vergonhosos conselhos. Foi assim que ele teve a coragem
de sacrificar a sua filha, como meio de promover uma guerra destinada
a vingar o rapto de uma mulher, como um rito preliminar, celebrado à
partida das naus.

antístrofe 4ª

230 As suas preces, os seus gritos de “pai!”, a sua idade virginal, nada
contou para aqueles chefes amantes da guerra. Feita a oração aos deu-
ses, o pai ordenou aos servos que, como uma cabra, a sustentassem com
vigor por cima do altar, envolta³⁰ nos seus vestidos, inclinada para a
235 terra, vigiando a bela proa³¹ da sua boca, de molde a impedi-la de lançar
sobre a casa uma voz de maldição.

estrofe 5ª

240 Tudo isto pela violência e força muda de um freio! Ela, deixando
pender para o solo o seu vestido tinto de açafão, despertava a piedade,
ferindo cada um dos sacrificadores com o dardo dos seus olhos, seme-

lhantes a uma figura de um quadro que a todos desejasse, em vão, falar, ela que muitas vezes cantara no salão dos belos banquetes de seu pai e, virgem, com casta voz, acompanhara, amorosamente, após a terceira libação,³² o peã do pai querido. 245

antístrofe 5ª

O que se seguiu não vi, não posso dizê-lo, mas as artes de Calcas não são vãs. Na balança da Justiça, o prato da aprendizagem desce para os que sofreram. O futuro poderás conhecê-lo depois de acontecido. Entretanto, esquece-o, dado que antecipá-lo é o mesmo que chorar antes do tempo: ele virá, claro, na madrugada com os seus raios. Mas, no que toca ao futuro imediato, que tudo acabe em bem, como o deseja este baluarte da terra de Ápio,³³ sempre presente, sozinha³⁴ a montar a guarda. 250 255

As últimas palavras do Coro assinalam o aparecimento de Clitemnestra à porta do palácio.

EPISÓDIO I

CORIFEU

Vim, Clitemnestra, para prestar homenagem ao teu poder, pois é justo honrar a esposa de um rei, quando o trono do esposo está deserto. Porque mandas realizar sacrifícios? Será que recebestes alguma boa notícia ou é só na esperança de alguma feliz mensagem? Teria muito gosto em saber, mas se preferires calar-te, não te levarei a mal. 260

CLITEMNESTRA

Que a aurora seja mensageira de boas notícias, saída, como diz o provérbio, da sua mãe noite! Mas vais ter uma alegria maior do que a tua esperança de ouvir: os argivos tomaram a cidade de Príamo. 265

CORIFEU

Que dizes? As tuas palavras escaparam-me, tão difícil é para mim acreditar.

CLITEMNESTRA

Repito que Tróia está nas mãos dos aqueus: falo claramente?

CORIFEU

270 A alegria me invade e provoca-me lágrimas.

CLITEMNESTRA

Sim, os teus olhos revelam os teus leais sentimentos.

CORIFEU

Mas que é que te convence? Tens alguma prova disso?

CLITEMNESTRA

Tenho, é evidente que sim. A menos que um deus me engane...

CORIFEU

Estarás, por acaso, a fiar-te em visões persuasivas de sonhos?

CLITEMNESTRA

275 Pouco crédito dou às fantasias de um espírito ensonado.

CORIFEU

Será que te alimentas de um rumor inconsistente?

CLITEMNESTRA

Troças de mim como se eu fosse uma criança.

CORIFEU

Mas quando é que a cidade foi destruída?

CLITEMNESTRA

Na noite que gerou esta manhã.

CORIFEU

280 E que mensageiro poderia trazer tão depressa esta notícia?

CLITEMNESTRA

Hefesto, que lançou do Ida³⁵ um vívido fulgor. E, como correios de

fogo, cada facho transmitiu a outro facho a sua mensagem. Esta chegou primeiro a Lemnos,³⁶ ao rochedo de Hermes; foi depois a vez do pico de Atos,³⁷ consagrado a Zeus, acolher um terceiro lugar o grande facho vindo da ilha; nas alturas, transpondo o dorso do mar, a força do facho viajante alegremente «caminha...»,³⁸ archote de pinheiro que transmite, como um sol, o seu esplendor auriluzente aos cimos do Macisto.³⁹ O monte não hesita: sem se deixar vencer insensatamente pelo sono, não descuro o seu dever de mensageiro e, de longe, sobre as correntes do Euripo, a luz do archote anuncia a sua chegada aos vigias do Messápio.⁴⁰ Estes dão imediatamente a resposta da chama, deitando fogo a um monte de velha uize, e a notícia segue para a frente. Sem sinal de fraqueza, o archote ardente transpõe então de um salto, a maneira da lua fulgente, a planície do Asopo⁴¹ em direção ao rochedo do Citéron,⁴² onde desperta a sucessão do fogo mensageiro. Sem rejeitar esta luz vinda de longe, a guarda acende outra maior que as anteriores. E a luz lançou-se sobre o lago de olhos de Górgona e, atingindo a montanha⁴³ onde vagueiam cabras, exorta os vigias a «obedecerem»⁴⁴ as ordens do fogo. Estes, acendendo uma fogueira de irresistível ímpeto, enviam uma longa barba de chama que, flamejando, transpõe o promontório que domina o estreito⁴⁵ de Sarônico, chama que se lança, que chega enfim ao pico Aracne, a vigia mais próxima da nossa cidade. E eis que se abate sobre este teto dos Átridas a luz que busca os seus ascendentes no fogo do Ida.

Tais são as normas que fixei aos meus portadores de archotes, que se revezaram para alcançar o seu objetivo. E tão vencedor é o primeiro⁴⁶ como o que corre em último lugar. Estou a revelar-te uma prova e um sinal que me foram transmitidos pelo meu esposo de Tróia.

CORIFEU

Senhora, aos deuses dirigirei mais tarde as minhas preces. Entretanto, gostaria de ouvir e admirar de novo a história que acabas de contar, do princípio ao fim.

CLITEMNESTRA

Os aqueus são hoje senhores de Tróia. Imagino gritos que não se fundem, a ecoarem distintamente na cidade. Assim, colocando vinagre e azeite no mesmo vaso, dir-se-ia que se apartam como inimigos. Separadamente se ouvem, marcadas por diferente fortuna, as vozes dos ven-

325 cidos e dos vencedores: os primeiros, enlaçando os cadáveres dos mari-
dos ou dos irmãos, muitas vezes crianças⁴⁷ sobre os corpos dos velhos
avós de que descendem, do fundo de uma garganta que deixou de ser
livre choram a morte dos seus entes queridos; os outros, cansados de
330 errarem na noite depois da batalha, preparam-se, famintos, para tomar a
sua refeição matinal com aquilo que encontram na cidade. Não agem
segundo um plano ou ordem, mas, em face do que cada um extraiu da
335 urna da sorte, assim se instalam agora nas casas troianas conquistadas,
libertos dos gelos e orvalhos ao ar livre. Com que felicidade eles vão
dormir toda a noite sem necessidade de montar guardas! Cuidem de
reverenciar os deuses da cidade e os seus santuários na terra conquista-
da e livrar-se-ão, depois de ter tomado a cidade, de ser, por seu turno,
340 tomados. E que não se abata, entretanto, sobre eles o desejo de destruir
o que devem respeitar, vencidos pela ânsia do lucro, porque ainda preci-
sam regressar, são e salvos, a casa, de fazer, dando a volta, a segunda
345 metade da corrida⁴⁸...Se o exército partir sem ter cometido falta contra
os deuses, talvez fique sem conseqüências o sofrimento causado aos
mortos,⁴⁹ a menos que sobrevenha algum mal inesperado.

Isto é o que uma mulher tem para te dizer. Os meus votos são que o
350 bem triunfe e que o possamos ver sem incertezas. Gozar o presente é o
mais que neste momento eu posso desejar.

CORIFEU

Senhora, falas com a sensatez de um homem sábio. Ante as provas
seguras que me deste, estou pronto a glorificar os deuses. Efetivamente,
um alto salário foi atribuído aos nossos trabalhos.

Sai Clitemnestra.

ESTÁSIMO I

CORO

355 Ó Zeus rei e noite amiga, que nos alcançaste tão grandes glórias, ao
lançar sobre as muralhas de Tróia uma rede que de todo a cobriu: nin-
guém, adulto ou jovem, conseguiu elevar-se acima da grande rede da

escravidão, da ruína que tudo vence. Venero o grande Zeus da hospitali- 360
dade, o verdadeiro autor destes feitos. Foi ele que, longo tempo, retesou
o arco contra Alexandre para que o dardo não fosse lançado em vão, 365
nem aquém da marca conveniente nem além dos astros.

estrofe 1ª

Podem os troianos falar do golpe de Zeus: é uma lógica conclusão.
Zeus fez como decidiu. Disse alguém que os deuses não se dignam curar 370
dos mortais que pisam a pés a graça das coisas intocáveis. Mas este homem
não era piedoso. O castigo de atos que nunca deviam ser ousados abate-se 375
muitas vezes sobre os descendentes,⁵⁰ quando eles respiram orgulho des-
mesurado, com as suas casas a regurgitarem de riquezas excessivas. Que a
posse dos bens seja inofensiva, na justa medida de bastar àquele a quem 380
coube bom senso! Pois não há defesa para o homem que, na embriaguez da
riqueza, faz desaparecer a pontapé o grande altar da Justiça.

antístrofe 1ª

Ao ímpio força-o a desgraçada persuasão, filha intolerável do espí- 385
rito de soberba, que forja antecipadamente as deliberações. E todo o
remédio é vão. Não fica oculto o mal, mas exhibe-se como uma luz que
brilha terrivelmente. E, a maneira do bronze de má qualidade, assim o 390
homem culpado, com o desgaste e as pancadas que justamente sofreu,
torna-se irremediavelmente negro, de nada lhe valendo perseguir infan-
tilmente um pássaro que voa, depois de ter causado uma aflição intole-
rável à sua cidade. Nenhum deus escuta as suas preces, antes o abate, ao 395
surpreendê-lo no seu comércio ignominioso com estes crimes. Assim
Páris, recebido na casa dos Átridas, desonrou a mesa hospitaleira com o 400
rapto de uma esposa.

estrofe 2ª

E esta mulher, que deixou ao povo da sua cidade tumultos de escu- 405
dos e lanças e armamentos navais, levou para Ílio em vez de dote a
destruição, ao transpor rapidamente os seus portões, depois de ousar
coisas que não se deviam ousar. E os profetas do palácio exclamavam
entre muitos gemidos:

410 «Ai! Ai! Palácio, palácio e príncipes! Ai! Leito e lugares pisados
por aquela que ainda amava o marido! Agora há o silêncio de um ho-
415 mem abandonado, silêncio sem honra, sem crença,⁵¹ sem uma recrimi-
nação. A saudade da que foi para o outro lado do mar dá o governo da
casa a um fantasma. A graça das formosas estátuas é odiosa ao esposo e
a ausência de uns olhos⁵² faz desaparecer todo o encanto do amor.

antístrofe 2ª

420 E a visão de um rosto⁵³ em lágrimas apresenta-se em sonhos, tra-
zendo alegria vã, pois é em vão que alguém julga ver a imagem da feli-
425 cidade, se ela se lhe escoa por entre as mãos, não voltando a sulcar⁵⁴
com asas os caminhos do sonho.

Estas são as dores sofridas numa casa, junto à lareira, para não falar
de outras dores ainda maiores. Mas em geral, para os que partiram em
430 conjunto da terra grega, é manifesto o luto suportado com estoicismo na
casa de cada um. Muitos são os sofrimentos que oprimem os corações.
435 Todos sabem aqueles que enviaram, mas, em vez de homens, são urnas
e cinza que regressam ao lar.

estrofe 3ª

Ares, o cambista de cadáveres, que segura a sua balança no reen-
440 contro das lanças, envia de Ílio às famílias, produzido pelo fogo, um
pesado pó suscitador de lágrimas amargas — urnas de cinza cômoda em
445 que se transformaram homens. Choram-se os guerreiros, louvando este
como perito no combate, aquele por ter caído nobremente na batalha
assassina por causa de uma esposa alheia. Isto rosnam baixo as pessoas
450 e uma dor ressentida mancha secretamente contra os demandantes
Átridas. Outros, no esplendor intacto da sua beleza, ocupam, junto à
455 muralha, túmulos da terra íliaca, e o solo hostil esconde os seus possuidores.

antístrofe 3ª

Perigosa é a fala dos cidadãos, inspirada pela ira: paga-se sempre a
dívida à maldição popular. A minha angústia espera ouvir algo de tene-
460 broso, porque os deuses não perdem de vista os que causam muitas mor-
tes. Com o tempo, as negras Erínias enfraquecem o que prospera sem

justiça, consumindo-lhe por fim a vida numa mudança de sorte; e para quem desapareceu do mundo dos vivos, não há auxílio que lhe valha. É perigoso ouvir louvores excessivos, pois o raio é lançado pelos olhos de Zeus. Prefiro a riqueza sem inveja. Que eu não seja destruidor de cidades ou me veja na situação de escravo às ordens de um vencedor!

épodo

Portador de boas novas, o fogo já espalhou pela cidade o seu rápido rumor. Mas quem sabe se o que soa é verdade ou não passa de uma mentira dos deuses? Quem é tão infantil ou privado de senso que se inflame com súbitas notícias de uma chama, para depois sofrer com a mudança da história? Ao caráter impulsivo da mulher convém o agradecer as coisas antes que elas tomem forma. Demasiado crédulo, o espírito feminino tem limites rapidamente transpostos e, por isso, uma notícia saída da boca de uma mulher tem igualmente rápida morte.

EPISÓDIO II

CORIFEU⁶⁵

Depressa saberemos se os sinais luminosos transmitidos pelo fogo dos archotes incandescentes são verdadeiros ou se esta luz deliciosa veio enganar, como um sonho, o nosso espírito. Eis que, vindo da costa, chega um arauto, sombreado por ramos de oliveira. E a poeira sequiosa, irmã e vizinha da lama, assegura-me que, desta vez, não é sem palavras, pelo fumo de um fogo ateado em lenha da montanha, que me será transmitida a mensagem; da boca do recém-chegado brotará mais claramente a alegria, ou... Mas eu não quero considerar a hipótese contrária, pois acontecimentos felizes devem ter um aditamento feliz. Se alguém conceber outros votos para a nossa cidade, colha, ele próprio, o fruto do erro do seu espírito.

ARAUTO

Ô pátrio solo da terra argiva, dez anos se passaram após a minha parti-

da e hoje chego, realizando uma de muitas esperanças desfeitas. Quem me
505 diria que viria a morrer nesta terra de Argos, alcançando a minha parte na
sepultura gratíssima? Agora, salve, pátria! Salve, luz do sol! E tu, Zeus,
soberano deste país, e tu, senhor de Pito,⁵⁶ que já não lanças contra nós as
510 flechas do seu arco! Tu foste, junto do Escamandro,⁵⁷ o nosso implacável
inimigo; sê agora a nossa salvação e a nossa cura, senhor Apolo. E a todos
os deuses da Assembléia⁵⁸ eu invoco e ao meu protetor Hermes, o querido
515 arauto, pelos arautos venerados, e aos heróis que nos enviaram, para que,
benevolentes, recebam de volta o exército poupado pela lança.

Ó palácio dos reis, queridos tetos, augustos assentos, divindades
viradas para o sol nascente, tal como no passado recebei, com esses
olhos brilhantes, de maneira conveniente, o rei que chega depois de lon-
520 ga ausência! Ele vem trazer a luz na noite, a vós e aos restantes junta-
mente — Agamenon, nosso senhor. Acolhei-o bem, pois assim está cer-
to, a ele que minou completamente a cidade de Tróia com a picareta de
525 Zeus, administrador da Justiça, trabalhando até ao fim o seu solo, arra-
sando⁵⁹ os altares e os templos dos deuses, exterminando as sementes na
terra. E, depois de impor tal jugo a Tróia, o nosso rei, primogênito de
Atreu, vem como um homem feliz, o mais digno de ser honrado dos
530 homens do nosso tempo. Nem Páris nem a cidade com ele solidária no
crime podem vangloriar-se de que a falta foi superior ao castigo: conde-
nado por rapto e roubo, não só teve de largar a sua presa como ainda
535 ceifou a casa de seus pais, inteiramente destruída com a própria terra.
Os filhos de Príamo pagaram duplamente os seus erros.

CORIFEU

Arauto do exército dos aqueus, salve!

ARAUTO

Sou um homem feliz. Se os deuses desejarem agora a minha morte,
não serei eu a dizer-lhes que não.

CORIFEU

540 Atormentava-te a saudade da pátria?

ARAUTO

Sim, tanto que os meus olhos estão cheios de lágrimas de alegria.

CORIFEU

Tínheis, pois, contraído a mesma doce doença...

ARAUTO

Como dizes? Ensina-me o sentido das tuas palavras.

CORIFEU

Estavas ferido pelo desejo dos que sentiam a mesma saudade.

ARAUTO

Queres tu dizer que esta terra tinha saudades do exército igualmente saudosos? 545

CORIFEU

Tantas que muito gemia o meu ânimo fraco e escurecido.

ARAUTO

Mas de onde vinha esse triste e odioso cuidado pelo exército?⁶⁰

CORIFEU

Há muito tenho o silêncio como remédio contra o mal.

ARAUTO

Como assim? Na ausência dos teus soberanos, temias alguém?

CORIFEU

Tanto que, como há pouco dizias, morrer agora seria uma felicidade para mim. 550

ARAUTO

É que tudo teve realmente um desfecho feliz. Mas, numa empresa que durou tão longo período de tempo, há sempre umas coisas que correm bem e outras mal. Quem, a não ser os deuses, está ao abrigo do sofrimento durante toda a sua vida?

Se eu te fosse falar dos trabalhos e péssimas instalações, dos corredores estreitos dos navios onde montávamos as péssimas camas... Nenhuma parcela do dia sem motivos para gemer!⁶¹ 555

Quanto aos trabalhos em terra, era um horror ainda maior: como acampávamos ao ar livre junto das muralhas dos inimigos, do céu e da

560 terra chuviscavam sobre nós os orvalhos dos prados, causando-nos um
dano constante, enchendo inclusivamente de bichos o pêlo das nossas
vestes. E se fôssemos a descrever o inverno exterminador de pássaros,
565 quando a neve do Ida tornava o tempo intolerável, ou então o calor,
quando o mar, tombando, dormia sem ondas no leito sem vento do meio-
dia... Mas para que soltar estes lamentos? A aflição passou. Tanto que
passou, que nem os mortos pensam em levantar-se outra vez. Mas para
570 que contar os mortos, para que hão de os vivos afligir-se com a cólera da
sorte? Do que se trata agora é de nos alegrarmos muito com o que acon-
teceu.⁶² Para nós, sobreviventes do exército argivo, é o lucro que conta,
menor do que o dele é o peso do sofrimento. Assim, é justo que nós,
voando⁶³ nas asas da fama sobre o mar e a terra, nos vangloriamos pe-
575 rante esta luz do sol: «Depois da tomada de Tróia, a expedição dos argivos,
em honra dos deuses venerados em toda a Hélade, pregou nos seus tem-
plos estes despojos, como um ornamento de antiga glória».
É inevitável que, ao ouvir isto, todos louvem a cidade e os seus
580 generais; e a graça de Zeus, realizadora destes feitos, será honrada. É
tudo o que eu tinha para dizer.

CORIFEU

Não nego que me sinto vencido pelas tuas palavras, pois os velhos
são sempre suficientemente jovens para serem ensinados. Mas é natural
585 que estas notícias interessem particularmente ao palácio e a Clitemnestra.
Eu limito-me a partilhar da felicidade geral.

Entra Clitemnestra.

CLITEMNESTRA

Eu soltei há muito um grito de júbilo, quando chegou o primeiro
mensageiro noturno de fogo, anunciando a conquista e destruição de
590 Ílio. E houve quem me censurasse, dizendo: «Persuadida por sinais de
fogo, é assim que julgas que Tróia foi agora destruída? É certo que só a
mulher se exalta assim no seu coração». Tais palavras sugeriam que eu
estava fora de mim; no entanto, eu fazia os meus sacrifícios, enquanto
595 muitos, por toda a cidade, a maneira das mulheres, soltavam gritos de
júbilo, lançando na chama perfumada, que arde nos santuários dos de-
ses, o incenso apaziguador. Mas agora não precisas me dizer mais. Sa-

berei a história toda do próprio rei. Apressar-me-ei a acolher, da melhor
maneira, o meu venerado esposo no seu regresso. Pois, para uma mu- 600
lher, que luz pode ser mais agradável do que a do dia em que ela abre as
portas ao marido que regressa da guerra, salvo por um deus? Levai esta
mensagem a meu marido e dizei-lhe que venha o mais depressa possí- 605
vel, o querido do povo. E que, ao chegar, ele descubra que, na sua casa,
se encontra uma esposa fiel, exatamente como a deixou, cão de guarda
da casa, leal a ele e inimiga dos que lhe desejam mal; impecável em
tudo, ela não quebrou um só selo⁶⁴ na longa passagem do tempo. De 610
prazeres adúlteros ou sequer má reputação sei tanto como de temperar o
bronze. Disto me posso vangloriar; e um elogio, assim assente na ver-
dade, pode, sem vergonha, ser proclamado bem alto por uma mulher
nobre.

Sai Clitemnestra.

CORIFEU

O discurso que ela te fez tem, sem dúvida, bela aparência, mas é 615
para ser entendido através de argutos intérpretes.⁶⁵

E agora, Arauto, fala-me de Menelau: regressou convosco, são e
salvo, o amado senhor desta terra?

ARAUTO

Se eu embelezar mentiras, os meus amigos não poderão colher de- 620
las frutos para longo tempo.

CORIFEU

Oxalá tu consigas dizer coisas verdadeiras que sejam felizes! É que
o feliz e o verdadeiro, se estão separados, revelam logo esta separação.

ARAUTO

O homem desapareceu do exército aqueu, ele e o seu barco; esta a 625
verdade.

CORIFEU

Fez-se ao mar, partindo de Ílio à vossa vista, ou foi uma procela,
fardo comum, que o arrebatou ao exército?



ARAUTO

Como um hábil arqueiro, atingiste o alvo: exprimiste em curta frase um longo sofrimento.

CORIFEU

630 Mas está ele vivo ou morto? Que notícias circulam entre os seus companheiros de frota?

ARAUTO

Ninguém sabe, de modo a dizê-lo claramente, exceto o Sol que alimenta a vida da Terra.

CORIFEU

635 Conta-me como é que a tempestade caiu, por ira dos deuses, sobre a armada e como acabou.

ARAUTO

Não é próprio manchar um dia auspicioso com o anúncio de más notícias: não é essa uma boa maneira de honrar os deuses.

Quando um mensageiro, com a tristeza no rosto, anuncia à cidade as abomináveis calamidades de um exército caído, ferida pública
640 aberta no flanco da cidade; quando, de muitas casas, muitos homens foram levados para sacrifício sob a ação do duplo chicote que Ares ama, calamidade de dupla lança,⁶⁶ sangrenta parelha — pois bem, é
645 natural que um homem, carregado de tais sofrimentos, entoe este novo⁶⁷ peã das Erinias. Mas, chegando eu a uma cidade, entregue às alegrias do bem-estar, com tão boas e salvadoras notícias, como hei de misturar o bom com o mau, falando de uma tempestade desencadeada pela ira dos deuses contra os aqueus? Pois o fogo e o
650 mar, anteriormente inimigos implacáveis, juraram aliança, mostrando o seu entendimento na destruição do infeliz exército dos argivos. De noite levantou-se o desastre das ondas más: ventos vindos da Trácia esmagavam, umas contra as outras, as naus que, sob as
655 marradas do tufão e das bâtegas da chuva, desapareciam no torvelinho criado pelo pérfido⁶⁸ pastor. E quando subiu a luz radiosa do Sol, vemos o mar Egeu a florir⁶⁹ com os cadáveres dos guerreiros
660 aqueus e com os destroços das naus. Quanto a nós, tínhamos ileso o casco do nosso barco. Sem dúvida alguém nos subtraiu ao perigo ou

por nós intercedeu, alguém que pôs a mão no leme, um deus, não um mortal. E a fortuna salvadora sentou-se, propícia, na nossa nau, impedindo que a violência das ondas a dominasse, uma vez ancorada, ou, quando em marcha, a fizesse chocar contra os rochedos da costa. Tendo, assim, escapado ao Hades⁷⁰ marinho, banhados embora pelo dia claro e brilhante, mal confiávamos na nossa sorte, apascentando em pensamento o desastre inesperado, que reduzira lamentavelmente a nossa armada a cinza dispersa. E agora, se algum dos naufragos ainda respira, fala de nós, por certo, como tendo morrido; pela nossa parte, cremos que são eles que tiveram esta sorte... Oxalá tudo corra pelo melhor!

Quanto a Menelau, o melhor de tudo é acreditares que ele já chegou algures a esta terra. Ou, pelo menos, se algum raio de Sol o sabe, em qualquer lado, vivo e são, podemos ter esperança de que, pela intervenção de Zeus, que ainda não quer destruir inteiramente a sua raça, ele volte para casa de novo. As palavras que ouviste, podes estar certo, trazem fielmente a verdade.

ESTÁSIMO II

CORO

estrofe 1^a

Quem, a não ser alguém que não vemos, alguém que guia com êxito a sua língua na expressão de pensamentos que prenunciam o destino, deu um nome tão conforme à verdade àquela cujas núpcias foram disputadas com lanças e por quem dois partidos lutaram, o nome de Helena? É assim que, de acordo com o seu nome,⁷¹ ela foi destruidora de navios, destruidora de homens, destruidora de cidades, evadindo-se das cortinas preciosas da câmara nupcial para sulcar o mar, ao sopro do Zéfiro poderoso. E atrás dela inúmeros caçadores, detentores de escudo, seguiram o rastro invisível dos remos, lançados por uma querela sangrenta na pista daqueles que desembarcaram nas margens verdejantes do Simoente.⁷²

antístrofe 1ª

700 E a ira, que realiza sempre os seus pensamentos, pôs em movimen-
to para Ílio uma verdadeira aliança de casamento e dor. Ela fará pagar
705 mais tarde a desonra da mesa hospitaleira e de Zeus, protetor do lar, aos
que entoavam com voz sonora o canto que em honra da noiva, o himeneu,
710 que então cabia aos parentes cantar. Mas, aprendendo em vez deste um
hino de muitas lágrimas, a velha cidade de Príamo geme profundamente,
715 maldizendo em Páris o homem do tálamo funesto e deplorando⁷³ a
inteira destruição dos seus cidadãos, afogados em sangue.

estrofe 2ª

Uma vez, um homem criou em sua casa um leão ainda pequeno,
privado do leite materno, sequioso de peito. Manso nas primeiras etapas
720 da sua vida, ele era bom amigo das crianças e o deleite dos velhos. Mui-
tas vezes andava nos braços do dono, como um filho recém-nascido,
725 com os olhos brilhantes fixos na mão acariciadora e a cauda agitada pela
necessidade do seu ventre.

antístrofe 2ª

730 Mas, com o andar do tempo, ele cresceu e então revelou o caráter
próprio da sua raça: em agradecimento aos que o criaram, prepara um
banquete não encomendado, num horror de rebanhos chacinados. E a
735 casa é manchada de sangue, dor inelutável para os seus moradores, grande
dano de muitas mortes. Um sacerdote de Ate⁷⁴ fora criado na casa pela
vontade de um deus.

estrofe 3ª

740 Assim, também eu diria que o que primeiro veio para a cidade de
Tróia foi uma disposição de mar calmo sem vento e um suave ornamen-
to de riqueza, um brando dardo desferido por uns olhos,⁷⁵ uma flor de
745 desejo que morde o coração. Mas, de repente, Helena revela o amargo
fim das núpcias: ela é o colono funesto e a funesta companhia que se
lança sobre os filhos de Príamo por intercessão de Zeus hospitaleiro,
uma Erínia que traz lágrimas às noivas.

antístrofe 3^a

Entre os mortais circula há muito o velho ditado: a felicidade do 750
homem, quando atinge a plenitude, tem descendência, não morre esté-
ril; na prosperidade germina para a raça uma insaciável dor. 755

Afastado dos outros, encontro-me sozinho a pensar: é o ato ímpio 760
que gera atos semelhantes à sua natureza, pois o destino da casa onde se
observa a justiça é ter belos filhos sempre.

estrofe 4^a

A antiga insolência, essa costuma gerar, no meio dos maus, uma 765
insolência jovem, quando,⁷⁶ mais cedo ou mais tarde, chega o seu dia. E
com ela nasce uma nova ira, divindade invencível, indominável, ímpia 770
audácia, negra Ate para a casa, filha em tudo semelhante a seus pais.

antístrofe 4^a

Mas a Justiça brilha nas casa sujas de fumo e preza a santidade da 775
vida. Das mansões cobertas de ouro, em que há mãos sórdidas, ela des-
via os olhos, para se aproximar do que é puro, desprezando o poder da
riqueza com a falsa aparência do louvor. E dirige tudo para o seu fim. 780

EPISÓDIO III

Entra Agamenon com Cassandra.

CORIFEU

Diz-me, ó Rei, destruidor de Tróia, descendente de Atreu, como te 785
hei de saudar? Como te prestarei a homenagem sem ir além nem ficar
aquém do tratamento que te é devido? É que muitas pessoas apreciam
mais o parecer do que o ser, ultrapassando assim os limites da justiça. 790
Toda a gente está pronta a ecoar os gemidos de quem sofre, mas a mor-
dedura da dor não atinge verdadeiramente o seu coração. Estes mesmos
alegram-se com os felizes, assumindo idêntico aspecto, forçando os seus

795 rostos a rir. Mas a quem é bom conhecedor do seu rebanho não iludem
as atitudes daqueles que, aparentando um espírito leal, o adulam⁷⁷ com
uma amizade aguada.

800 Pelo que me toca, quando, por causa de Helena, organizaste uma
expedição — não te ocultarei — tracei de ti, em espírito, o retrato pouco
agradável de quem não governava bem o leme da razão, tentando, pelo
805 sacrifício da vida de homens, recuperar uma mulher de audácias volun-
tárias.⁷⁸ Mas, agora é do fundo da alma e com amizade que eu felicito os
que realizaram bem o seu trabalho. Entretanto, se te quiseres informar,
virás com o tempo a saber quais foram aqueles que, na pátria, durante a
tua ausência, observaram ou não a justiça.

AGAMENON

810 É justo que eu, primeiro, saúde Argos e os deuses da terra,
co-responsáveis comigo pelo meu regresso e pela justiça que eu fiz pa-
gar à cidade de Príamo. Os deuses, depois de ouvirem as alegações sem
815 palavras,⁷⁹ não hesitaram em lançar na urna sangrenta os votos da morte
dos guerreiros e da destruição de Ílio, enquanto da urna contrária apenas
a esperança⁸⁰ da mão se aproximou, deixando-a vazia. O fumo é tudo o
que resta da cidade conquistada. As procelas da ruína ainda estão vivas
820 e a cinza, morrendo com a cidade, despede ainda sopros pesados de
riqueza. Por tudo isto, temos de pagar aos deuses uma dívida sempre
viva de gratidão, visto que conseguimos punir um rapto insolente e, por
825 uma mulher, reduzimos a pó uma cidade, nós, a fera argiva, a prole do
cavalo,⁸¹ o povo portador de escudo, que formou o salto ao pôr das
Plêiades.⁸² E, transpondo de um salto a muralha, o leão voraz lambeu,
até ficar farto, o sangue real.

830 Aos deuses eu dediquei este longo prelúdio. Quanto aos teus senti-
mentos, não me esqueço do que ouvi, concordo e tens-me ao teu lado
como defensor, pois não há muitos homens capazes de respeitar sem
inveja um amigo afortunado. Quando o veneno da malevolência assalta
um coração, duplica o peso do que contrai a doença: este é sobrecarre-
gado pelos próprios sofrimentos e o espetáculo da felicidade dos outros
fá-lo gemer. A minha experiência diz-me, familiarizado como estou com
o espelho das relações dos homens em sociedade, que os que pareciam
840 ser-me muito afeiçoados são apenas a imagem⁸³ de uma sombra. Só
Ulisses, que navegou contra a vontade, uma vez atrelado me foi pronto

cavalo de reforço, digo-o quer ele esteja vivo ou morto. No que respeita à cidade e aos deuses, faremos reuniões gerais e deliberaremos em assembléia plena. E vamos decidir a maneira de o que está bem continuar bem; pelo contrário, em tudo o que precisar de remédios que curam, queimando ou cortando judiciosamente, tentaremos afastar o mal da doença. 845

Mas agora, entrando no meu palácio e lar doméstico, dirigirei primeiro a minha saudação aos deuses, que me enviaram para longe e me fizeram regressar. E que a vitória que me seguiu permaneça firme junto de mim! 850

CLITEMNESTRA

Homens desta cidade, venerandos anciãos de Argos aqui presentes, não me envergonho de vos falar dos meus sentimentos de amor por meu marido. Com o tempo a timidez das pessoas desaparece. O que vou dizer não ouvi de ninguém, é a minha própria experiência de vida infeliz todo o tempo que ele esteve diante de Ílio. 855

Primeiramente, é um mal terrível estar uma mulher sentada em casa, sozinha, sem marido, ouvindo muitas notícias que só servem para provocar a ira. E, entretanto, vêm mensageiros com notícias sempre piores do que as anteriores e a casa enche-se de gritos. E se este homem tivesse recebido tantas feridas como rumores chegavam ao palácio, semelhantes a água por condutos, teria mais furos no seu corpo do que uma rede. E, se tivesse morrido com a freqüência das histórias, poderia jactar-se de, como outro Gerión⁸⁴ de três corpos, ter recebido um triplo manto de terra, depois de morrer uma vez em cada forma. Com tais notícias desesperadoras muitas vezes suspendi de uma laço o meu pescoço e foram outras mãos, que não as minhas, que à força me soltaram. Por tudo isto, não está aqui, como devia, a meu lado o teu filho, penhor dos nossos pactos de fé, Orestes. E isto não tem que te surpreender. Confieio aos cuidados do nosso amigo e aliado, Estrófilo da Fócida, que me alertava para desastres de dois tipos: o perigo da tua morte diante de Ílio e a queda do Conselho, uma vez sem chefe, levado a cabo por uma revolta popular. É que o natural no homem é pisar quem já está caído. 860

Esta a minha desculpa, que não contém, por certo, dolo. Entretanto, secaram as fontes impetuosas das minhas lágrimas; delas não resta uma gota. E as longas vigílias causaram dano aos meus olhos, ocupados a chorar a ausência das notícias a teu respeito, pelos sinais de fogo sempre 875

adiados. E, nos meus sonhos, o ténue bater de asas de um mosquito bastava para me despertar com um som que me parecia atoador, prolongando, acordada, a visão dos teus sofrimentos, mais numerosos do que os instantes de meu sono. Agora, depois de ter sofrido tanto, com a alma livre de angústias, eu quero dizer que este homem é o cão de guarda dos nossos estábulos, o cabo salvador da nau, o pilar seguro do alto telhado, o filho único de um pai — e ainda⁸⁵ a terra que surge aos marinheiros contra toda a esperança, o dia resplandescente depois da tempestade, a fonte que corre para o viandante sequioso.

900 É, sem dúvida, maravilhoso escapar aos golpes da necessidade: acho-o, portanto, digno de tais saudações. E que a inveja esteja longe, pois já foram bastantes os males que sofremos!

905 E agora, meu querido, desce desse carro, sem pôr em terra, ó Rei, o teu pé, que derrubou Ílio. Servas, que demora é essa? Não vos foi dado o encargo de cobrir com tapeçarias o chão que ele deve percorrer? Que se abra direito um caminho coberto de púrpura, para 910 que a Justiça o conduza à casa onde ele não esperava⁸⁶ entrar! Quanto ao resto, um zelo que não se deixa vencer pelo sono providenciará justamente, com a ajuda dos deuses, sobre o que foi determinado pelo destino.

AGAMENON

915 Descendente de Leda, guarda da minha casa, as tuas palavras estiveram em proporção com a minha ausência: estendeste longamente o teu discurso. Mas nota que, para o louvor se fazer segundo a justiça, convém que a homenagem parta dos outros. Depois, não me estragues com luxos, como se eu fosse uma mulher, 920 não me recebas, como a um bárbaro, de boca aberta aos gritos, prostrada no solo em adoração, nem faças que o meu caminho suscite a inveja, juncando-o de púrpura. Os deuses é que devem ser honrados dessa maneira: eu, mortal que sou, não posso caminhar sem medo sobre estas belezas bordadas. Entendo⁸⁷ que devo ser honrado como 925 um homem, não como um deus. De resto, a minha fama ressoa sem tapetes⁸⁸ para os pés nem tecidos bordados. Não ser presunçoso é a maior dádiva dos deuses. Só deve considerar-se feliz aquele que acabou a vida em calma prosperidade. Atuando nestes moldes, posso 930 viver sem apreensões.

CLITEMNESTRA

Mas diz-me uma coisa, sinceramente.

AGAMENON

Podes estar certa de que eu não adulterarei o meu pensamento.

CLITEMNESTRA

Admites que, numa hora de perigo, poderias ter feito aos deuses o voto de agir como te peço agora?

AGAMENON

Se alguém com autoridade me tivesse prescrito, sim.

CLITEMNESTRA

E que te parece que Príamo teria feito, se tivesse alcançado esta vitória? 935

AGAMENON

Penso que teria certamente caminhado sobre tecidos bordados.

CLITEMNESTRA

Então não tenhas tanto respeito pela censura dos homens.

AGAMENON

No entanto, a voz do povo tem muita força.

CLITEMNESTRA

Sim, mas um homem que não é invejado não é invejável.

AGAMENON

Não é muito próprio da mulher ter assim um apego à luta. 940

CLITEMNESTRA

Mas é bem que os felizes também se deixem vencer.

AGAMENON

Prezas assim tanto a vitória nesta contenda?

CLITEMNESTRA

Cede. És tu, afinal, que vences, se a vitória me for dada por ti.

AGAMENON

Seja! Se é esta a tua vontade, que alguém me desate rapida-
945 mente as sandálias, escravas adaptadas ao meu pé. E, quando eu
pisar estes tecidos de púrpura, destinados aos deuses, que ne-
nhum olhar de inveja me fira! Preocupa-me profundamente a idéia
de destruir com os meus pés o patrimônio desta casa, arruinando
a riqueza de tecidos comprados a peso de prata. Mas chega de
950 falar neste assunto...

Tens aqui esta estrangeira: acolhe-a amavelmente em casa.
Ao que usa gentilmente o seu poder, um deus o contempla de
longe com benevolência, pois ninguém suporta de boa vontade o
955 jugo da escravidão. Ela veio comigo, flor escolhida para mim
em um rico despojo, dádiva do meu exército.

Mas, visto que me comprometi a ceder ao teu desejo, vou entrar no
meu palácio, pisando a púrpura.

CLITEMNESTRA

Há o mar — e quem o esgotará? — que alimenta o suco,
sempre renovável, valioso como a prata, da abundante púrpura
960 com que se tingem os tecidos. A nossa casa, ó Rei, está, pela
graças dos deuses, em condições de dispor destas riquezas e é
uma casa que não sabe ser pobre. Muitos mais tecidos eu teria
feito o voto de pisar, se isso me tivesse sido proposto em sedes
oraculares, quando eu imaginava meios de alcançar⁸⁹ a vida des-
te homem! É que, havendo raiz, a folhagem chega à casa, prote-
965 gendo-a com a sua sombra contra a estrela Sírio:⁹⁰ do mesmo
modo, ao regressares ao lar doméstico, tu és o calor que volta no
meio do inverno. Também nos dias ardentes em que Zeus faz o
vinho da uva verde, reina a frescura na casa porque nela se move
970 o senhor, o homem acabado.⁹¹

Agamenon entra em casa.

Zeus, ó Zeus realizador, realiza a minha prece. Oxalá não descures
o que intentas realizar!

Clitemnestra segue Agamenon para dentro de casa.

ESTÁSIMO III

CORO

estrofe 1ª

Por que é que este terror assedia sem tréguas o meu coração 975
pressago? Sem ordem nem salário, o meu coração faz-se profeta e não
basta cuspir para o lado, como se faz com os sonhos difíceis de interpretar, 980
para a confiança persuasiva se sentar no trono do meu pensamento.
O tempo⁹² envelheceu, desde que a recolha das amarras levantou no ar a 985
areia, no dia em que a expedição naval se lançou para Ílio.

antístrofe 1ª

Agora é com os meus próprios olhos que eu sei do seu regresso, eu
mesmo sou testemunha, e, no entanto, dentro de mim, a minha alma canta, 990
composto por ela, o treno sem lira da Erínia, porque não tem, minimamente,
a cara ousadia da esperança. As minhas entranhas não dizem 995
coisas vãs: o meu coração, que gira e redemoinha junto do meu espírito
habitado pela justiça, anuncia uma realidade. Mas oxalá as minhas expectativas 1000
não passem de mentira sem hipótese de concretização!

estrofe 2ª

O desejo de muita saúde é, certamente, insaciável, mas a doença que
habita ao lado vai sempre exercendo pressão sobre a parede que as separa.⁹³
Assim o destino do homem, singrando prosperamente...⁹⁴ choca de súbito 1005
com um escolho oculto. Mas se, para salvar o essencial das riquezas adquiridas,
a prudência faz alijar uma parte, numa manobra bem medida, então a 1010
casa inteira não se desmorona sob a carga excessiva da abundância, o barco
não chega a se afundar. Zeus saberá, com as dádivas grandes e abundantes 1015
das colheitas anuais, conjurar o flagelo da fome.

antístrofe 2ª

Mas o sangue negro de um homem, uma vez derramado na morte

- 1020 sobre a terra, quem o poderá restituir às veias com qualquer espécie de encantamento? Não foi sem um severo castigo que Zeus deteve aquele⁹⁵
1025 que sabia reconduzir homens à vida. E não fosse o fato de as partes já determinadas pelo destino não poderem, por decisão dos deuses, modificar os seus limites,⁹⁶ então o meu coração, ultrapassando as reservas da minha língua, traria à luz o que está no meu pensamento. Assim, se
1030 limita a resmungar no escuro, aflito, sem esperanças de dobar a tempo este novelo, enquanto o meu espírito está em chamas.

EPISÓDIO IV

CLITEMNESTRA

- 1035 Entra também tu — é contigo que estou a falar, Cassandra —, visto que Zeus, na sua clemência, te trouxe a esta casa para participar nas águas lustrais, reunida aos demais escravos junto do altar protetor dos bens domésticos. Vá, desce desse carro e não te mostres soberba. Até o
1040 filho⁹⁷ de Alcmena, segundo contam, foi um dia vendido e se viu forçado a comer o pão da servidão. Mas, se a necessidade coloca alguém em tal situação, muita sorte é encontrar senhores cuja riqueza não é de ontem. Aqueles que, sem contarem, fizeram uma bela colheita são normalmente cruéis para os escravos, a quem tratam com o maior rigor.⁹⁸ Aca-
1045 bas de saber qual é o tratamento usual entre nós.

CORIFEU (*a Cassandra*)

É a ti que ela acaba de fazer um claro discurso. Presa, como estás, nas redes do destino, obedece, se tencionas obedecer. Mas talvez tu queiras desobedecer...

CLITEMNESTRA

- 1050 Se ela não tem, como a andorinha, uma língua bárbara desconhecida, espero fazer entrar na sua cabeça as minhas razões.

CORIFEU (*a Cassandra*)

Segue-a. Ela diz o que é melhor, no estado atual das coisas. Levanta-te, sai do carro e obedece.

CLITEMNESTRA

Não tenho vagar para estar a perder tempo aqui à porta. As ovelhas já estão perante o altar central, prontas para a imolação pelo fogo, e⁹⁹ eu nunca esperei vir a gozar esta felicidade. Portanto, se tencionas fazer o que te peço não percas tempo. Mas, se não compreendes as minhas palavras por falta de conhecimento da nossa língua, então explica-te por gestos estrangeiros em vez de voz. 1055
1060

CORIFEU

A estrangeira parece necessitar de um intérprete claro. O seu comportamento assemelha-se ao de um animal recém-capturado.

CLITEMNESTRA

O que ela é, é louca e está a dar ouvidos a maus pensamentos. Então ela chega aqui, vinda de uma cidade que acaba de ser conquistada, e não sabe suportar o freio, sem antes o cobrir da espuma ensangüentada do seu furor? Eu é que não estou disposta a gastar mais palavras, para afinal ser insultada. 1065

Sai Clitemnestra.

CORIFEU

Mas eu, que tenho pena dela, não me vou irritar. Vai, infeliz, abandona esse carro e experimenta o novo jugo que a necessidade te impõe. 1070

CASSANDRA

Ai, ai, ai! Ai de mim! Oh! Apolo, Apolo!

CORIFEU

Por que gemes assim, invocando Lóxias?¹⁰⁰ No seu culto não há lugar para lamentações. 1075

CASSANDRA

Ai, ai, ai! Ai de mim! Oh! Apolo, Apolo!

CORIFEU

Ei-la que, de novo, com palavras de sinistro augúrio, invoca o deus que, só por inconveniência, é associado a gemidos.

CASSANDRA

1080 Apolo, Apolo, senhor dos caminhos, verdadeiro Apolo¹⁰¹ para mim, já que me destruístes facilmente pela segunda vez.

CORIFEU

Parece que vai profetizar acerca dos seus próprios males. O divino habita a sua alma embora escrava.

CASSANDRA

1085 Apolo, Apolo, senhor dos caminhos, verdadeiro Apolo para mim! Ah! Para onde me trouxeste? Para que casa?

CORIFEU

Para a casa dos Átridas. Se não o sabes, digo-te eu e não me poderás acusar de mentira.

CASSANDRA

1090 Ah! Ah! Sim, uma casa que odeia os deuses, testemunha de assassinatos de parentes...,¹⁰² matadouro de homens, chão salpicado de sangue.

CORIFEU

A estrangeira parece ter faro de cadela: uma vez na pista de um assassinato, vai encontrar sangue.

CASSANDRA

1095 Vou, porque confio nestes testemunhos: estas crianças que estão a matar e que choram; as suas carnes assadas a serem devoradas pelo próprio pai...¹⁰³

CORIFEU

Nós já estávamos bem informados da tua fama de profetisa, mas não nos interessa, neste momento, ouvir profetas.

CASSANDRA

1100 Ai de mim! Que é que se prepara? Que nova aflição é esta? Um grande, grande mal prepara-se nesta casa, mal intolerável aos amigos, difícil de curar, porque o remédio está longe...

CORIFEU

Não entendo nada dessas profecias, mas as que referiste em primei-

ro lugar conheço-as: toda a cidade as grita.

CASSANDRA

Ah! Desgraçada! Pois atreves-te a fazer isto? Dás banho ao esposo 1110
que partilha o teu leito e depois... Como direi o fim, que chegará depressa?
Depois, uma a seguir à outra, as mãos estendem-se...

CORIFEU

Ainda não percebi. Estou completamente embaraçado com estes
enigmas e oráculos obscuros...

CASSANDRA

Ah! Ah! Ai, ai! Que vejo eu? Uma rede do Hades? Não, rede é a 1115
própria companheira de leito, a cúmplice do assassinato. Que o espírito
de discórdia, que se encarniça insaciável contra a raça, erga o seu grito
de júbilo sobre o sacrifício digno de lapidação!

CORIFEU

Que espécie de Erinia é essa que tu convidas a levantar a voz sobre 1120
esta casa? As tuas palavras não me alegram.

CORO

Ao meu coração afluí a gota cor de açafão,¹⁰⁴ que também os que
caem, trespassados pela lança, sentem chegar com os raios da vida a
extinguir-se. E rápida vem a morte.

CASSANDRA

Ah! Ah! Vejam! Vejam! Afastem o touro da vaca. Depois de o en- 1125
volver nas suas vestes, ela fere-o com a arma¹⁰⁵ insidiosa dos negros
chifres e ele cai na banheira cheia de água. Estou a falar-te do que aconte-
tece na banheira que mata à traição.

CORIFEU

Não quero vangloriar-me de ser um perfeito conhecedor de orácu- 1130
los, mas pressinto nisto uma desgraça.

CORO

Dos oráculos sai alguma vez para os homens uma notícia
feliz? É pelo anúncio de calamidades que a arte verbosa dos pro-

1135 fetas dá sentido ao terror que inspira.

CASSANDRA

Ai, ai! Que infeliz que eu sou! Triste destino! Agora é o meu próprio sofrimento que eu grito, pondo-o também na cratera.¹⁰⁶ Para que me trouxeste aqui, a mim, infeliz? Para que, senão para morrer também? Sim, para quê?

CORO

1140 Deliras, transportada por um deus, para sobre ti própria cantares
assim uma melodia sem melodia, tal como a ave fulva, insaciável de
1145 gritos, ai, o rouxinol, com ânimo flébil, repetindo Ítis,¹⁰⁷ Ítis, chora uma
vida florescente de males.

CASSANDRA

Ai, ai, o destino do melodioso rouxinol! Mas a este os deuses de-
ram-lhe um corpo alado e uma vida doce, sem lágrimas,¹⁰⁸ enquanto a
mim me espera a sorte de ser fendida por uma arma de dois gumes.

CORO

1150 Mas aonde foste tu buscar estas ânsias impetuosas que trazem a
marca de um deus, estas ânsias vãs? Por que é que modulas estas terríficas
profecias em cantos de mau agouro, nos mais agudos tons? Quem traçou
1155 os nefastos limites do teu profético caminho?

CASSANDRA

Oh! as núpcias, as núpcias de Páris, que destruíram todos os seus! Ó
Escamandro, rio da minha pátria! À tua beira, ai de mim, cresci, tu me criaste.
1160 Mas agora é junto ao Cocito¹⁰⁹ e nas margens escarpadas do Aqueronte que
parece que eu, muito em breve, cantarei as minhas profecias.

CORO

Que palavra é essa, clara demais, que tu pronunciaste? Uma criança
pequena, que a ouvisse, poderia entendê-la. O teu destino cruel fere-me
1165 como uma mordedura mortal, quando te ouço gritar as notas lamentosas
que me partem o coração.

CASSANDRA

Ó sofrimentos, sofrimentos da minha cidade totalmente destruída! Ó

sacrifícios realizados por meu pai diante das muralhas em que, prodigamente, se imolaram rebanhos que pastam erva! E tudo isto de nada serviu para impedir que a cidade se visse na situação em que está! Quanto a mim, em breve derramarei no solo a corrente quente do meu sangue.¹¹⁰ 1170

CORO

As tuas últimas palavras estão de acordo com as anteriores. Alguma divindade malévola se abateu sobre ti pesadamente e te faz cantar estes sofrimentos lamentosos e mortais. O fim de tudo isto não o sei. 1175

CASSANDRA

Pois bem, o meu oráculo já não olhará através de véus como uma donzela recém-casada. Penso que se lançará, brilhante como o vento, ao nascer do sol, erguendo para a luz a vaga de um sofrimento muito maior. Deixarei de instruir-vos por enigmas. 1180

Sede testemunhas de que eu há muito sigo, farejando, a pista de crimes outrora cometidos. É que desta casa jamais se afasta um coro que canta em uníssono, mas sem melodia, pois desagradáveis são as suas palavras. É um grupo de alegres foliões que, para ousar mais, ingeriu sangue humano e se mantém em casa, difícil de desalojar, o grupo das Erínias criadas nesta raça. Unidas ao palácio, elas fazem ressoar o seu canto, canto da cegueira de espírito que começou tudo e uma após outra exprimem a sua aversão ao crime cometido contra o leito fraternal, a sua hostilidade àquele que o calçou. Errei ou atingi o alvo, como um arqueiro? Ou não sou mais que um falso profeta, um tagarela que bate às portas? Testemunhei sob juramento que ninguém me¹¹¹ falou dos pecados antigos desta casa. 1195

CORIFEU

Mas de que vale a segurança, por maior que seja, de um juramento? Admiro-me, realmente, de que tu, criada além do mar, possas falar com acerto de acontecimentos ocorridos numa cidade de língua estrangeira, como se a eles tivesses estado presente. 1200

CASSANDRA

Foi o profeta Apolo que me deu esse poder.

CORIFEU

Estava ele, embora deus, também ferido de desejo?

CASSANDRA

Antes eu tinha vergonha de falar disto.

CORIFEU

1205 Sim, todos nós somos mais esquisitos em tempos de prosperidade.

CASSANDRA

Bem, ele lutou para me conquistar, concentrando poderosamente o seu afeto sobre mim.

CORIFEU

E chegastes, como é vulgar, ao ponto de gerar filhos?

CASSANDRA

Depois de dar o meu consentimento, enganei Lóxias.

CORIFEU

Já estavas de posse das artes inspiradas pelo deus?

CASSANDRA

1210 Já profetizava aos cidadãos da minha pátria todos os sofrimentos.

CORIFEU

Claro que não deixou de te atingir a ira de Lóxias.

CASSANDRA

Ninguém mais acreditou em mim, depois que cometi esta falta.

CORIFEU

No entanto, a nós os teus vaticínios parecem dignos de fé.

CASSANDRA

1215 Ah! Ah! Ó desgraças! De novo o trabalho terrível da verdadeira arte profética me faz girar intimamente e me perturba com...¹¹² prelúdios. Vedes estes jovens sentados junto da casa, semelhantes às formas dos sonhos? Crianças mortas, visivelmente por familiares, com as mãos cheias de carnes, alimento fornecido pelo seu próprio corpo; e nota-se claramente que seguram as víceras, os próprios intestinos,¹¹³ carga miseranda de que o pai provou. Por isto afirmo que um leão¹¹⁴ covarde,

1220

caseiro, que se refocila no leite, maquina, ai de mim, a vingança contra
o meu recém-chegado senhor,¹¹⁵ sim, já que me é forçoso suportar o 1225
jugo da escravidão. Mas o comandante das naus e destruidor de Ílio não
sabe o que a odiosa cadela, cuja língua se espraizou, com leite, em
discursos intermináveis, lhe prepara, como a simuladora Ate, com funérea 1230
sorte. Vêde até aonde vai a sua audácia: fêmea assassina do macho. Ela
é — que nome de monstro odioso lhe hei de com justeza aplicar? —
uma anfibena,¹¹⁶ outra Cila¹¹⁷ qua habita nos rochedos e é o flagelo dos 1235
navegantes ou mãe¹¹⁸ furiosa saída do Hades, que respira uma guerra
sem tréguas contra os seus? E como ela ergueu um grito de triunfo, esta
mulher capaz de tudo, como um guerreiro a quem a vitória sorri no meio
de uma batalha! No entanto finge alegrar-se com o regresso salvador!

Pouco importa se vos persuado ou não. A questão é esta: o que estiver
para vir chegará. E tu, que estarás presente, muito em breve, lamentando, 1240
reconhecerás em mim uma profetisa demasiado verdadeira.

CORIFEU

Quando aludiste ao festim de Tiestes, com as carnes dos filhos, compreendi
e fiquei a tremer e o terror me domina, ao ouvir a verdade inteira e sem disfarces. 1245
Quanto às outras coisas, corro atrás delas mas perdi-lhes o rastro.

CASSANDRA

Afirmo que verás a morte de Agamenon.

CORIFEU

Ó infeliz, acalma a tua boca para ela pronunciar palavras de bom augúrio.

CASSANDRA

Não, não é Páion¹¹⁹ que preside às minhas palavras.

CORIFEU

Não, se elas se concretizarem. Mas oxalá isso não aconteça!

CASSANDRA

Tu vais fazendo votos, mas eles encarregam-se de matar. 1250

CORIFEU

Qual é o homem que está a preparar esta coisa lamentável?

CASSANDRA

Não há dúvida que perdeste inteiramente o rastro dos meus oráculos.

CORIFEU

De fato não vejo os meios de que poderá servir-se o autor do crime.

CASSANDRA

E, no entanto, eu sei falar bastante bem a língua helênica.

CORIFEU

1255 Também são em grego os decretos¹²⁰ píticos e nem por isso são
mais fáceis de entender.

CASSANDRA

Oh! Como é terrível esta febre! E abate-se sobre mim... Ai, ai, Apolo
Liceio,¹²¹ ai de mim, ai de mim! Esta leoa de dois pés, deitada com o
lobo na ausência do nobre leão, vai-me matar, infeliz de mim! E, como
1260 alguém que prepara uma droga, ela vai juntar também o meu salário à
sua ira.¹²² Enquanto afia a espada contra o homem, ela jacta-se de que há
de cobrar a minha morte em troca de eu ter sido trazida para aqui. Por-
que ostento eu então este escárnio de mim própria, o bastão e as fitas
1265 proféticas à volta do pescoço? Vou destruir-te antes da minha morte.

Quebra o bastão; depois arranca as fitas que lança por terra.

Sede malditos! A minha desforra é ver-vos por terra. Enriquecei de
desgraça outra em vez de mim! Olhai: é o próprio Apolo que me despoja
1270 da veste profética, depois de me ver, mesmo sob estes ornamentos, ser
objeto da mais violenta troça por parte de amigos, afinal meus inimigos,
que, unanimemente, se voltaram contra mim, em vão... Como uma pobre
vagabunda, suporrei que me chamassem pedinte, desgraçada, morta de
1275 fome — e agora o profeta, acabando com o meu trabalho de profetisa,
trouxe-me a este destino de morte, em que, em vez do pátrio altar, um
cepo me espera, banhado pelo quente sacrifício do meu sangue.

Mas não hei de morrer sem ser vingada pelos deuses. Alguém virá,
1280 que punirá a minha morte, filho¹²³ destinado a matar a mãe, vingador do
pai. Exilado, errante, estrangeiro na sua terra, voltará para pôr a última
pedra nas desgraças dos seus. Pois pelos deuses foi feito o grande jura-

mento¹²⁴ de que o corpo de seu pai, deitado de costas, o trará de volta.

Mas por que choro e me lamento assim? Depois de ver a cidade de Tróia ter a sorte que teve e aqueles que a tomaram acabarem assim por decisão dos deuses, irei...¹²⁵ e suportarei a morte. A estes portões eu me dirijo como aos portões do Hades. E o meu único voto é receber um golpe bem dado, de modo que eu possa fechar estes olhos sem convulsões, jorrando o sangue de uma doce morte.

CORIFEU

Ó mulher muito desgraçada e também muito sábia, fizeste um longo discurso. Mas, se é verdade que conheces a sorte que te espera, por que é que, como uma novilha conduzida por um deus, avanças assim corajosamente para o altar?

CASSANDRA

Quando o tempo está maduro, não há modo de escapar, nenhum modo, estrangeiros!

CORIFEU

Mas os últimos momentos são os mais estimados...

CASSANDRA

O meu dia chegou, pouco lucrarei como fugir-lhe.

CORIFEU

Não há dúvida que tens grande capacidade de sofrimento e uma alma corajosa!

CASSANDRA

As pessoas felizes não ouvem palavras dessas...

CORIFEU

Mas morrer com glória é uma bênção do céu para os mortais.

CASSANDRA

Ai de ti, meu pai, e dos teus nobres filhos!

Dirige-se para o palácio, mas, de súbito, recua.

CORIFEU

Que foi? Que medo te faz recuar?

CASSANDRA

Ai, ai!

CORIFEU

Por que soltaste este lamento? Algum novo horror nascido na tua imaginação?

CASSANDRA

A casa exala um odor de assassinato, em que goteja o sangue.

CORIFEU

1310 O quê?! Este cheiro é o dos sacrifícios no altar.

CASSANDRA

É um odor semelhante ao que emana de um túmulo.

CORIFEU

Não é propriamente o aroma esplêndido do incenso sírio que tu distingues na casa...

CASSANDRA

Seja, irei chorar dentro de casa o meu destino e o de Agamenon.
Basta de viver!

1315 Ah! estrangeiros! Eu não estou a lamentar-me por medo, como o pássaro que teme a armadilha no arbusto, mas para me serdes testemunhas de tudo isto, após a minha morte, quando uma mulher¹²⁶ morrer em troca da mulher que eu sou e um homem¹²⁷ cair em vez de um homem a quem coube uma má esposa.

1320 Este favor vós peço como um hóspede que está para morrer.

CORIFEU

Desgraçada, lamento o triste destino que anuncias.

CASSANDRA

1325 Eu quero fazer mais um discurso, espécie de treno sobre mim própria. Peço ao sol, frente à sua última luz, que¹²⁸ os meus odiados assassinos paguem aos meus vingadores não apenas a morte do meu senhor,

mas a minha própria morte de escrava, que foi presa fácil.

Ó condição humana! A felicidade, uma simples sombra basta para a alterar; quando se é infeliz, uma esponja úmida destrói de um golpe a pintura. E das duas mudanças esta última é a que me parece mais para lamentar.¹²⁹ 1330

Entra no palácio.

CORIFEU¹³⁰

Os mortais são insaciáveis de prosperidade. Dos palácios, que se apontam a dedo, ninguém a afasta, recusando-a com estas palavras: «Não podes entrar!».

Também a este homem concederam os bem-aventurados tomar a cidade de Príamo e ei-lo que chega à casa, honrado pelos deuses. Mas, se ele tiver que pagar o sangue anteriormente derramado e, morrendo, vingando com outras mortes os que morreram,¹³¹ quem, ouvindo isto, poderá vangloriar-se de ter nascido com um destino inacessível ao mal? 1335 1340

EPISÓDIO V

Ouve-se, dentro do palácio, a voz de Agamenon.

AGAMENON

Ai de mim, deram-me um golpe mortal!

CORIFEU

Escutem! Quem é que está gritando que foi mortalmente ferido?

AGAMENON

Ai de mim, que acabo de receber um novo golpe... 1345

CORIFEU

Parece-me que o ato está consumado, a julgar pelos gemidos do rei.

Mas analisemos a questão, para ver se podemos traçar algum plano seguro.

Os doze anciãos falam sucessivamente.

- Eu digo-vos a minha proposta: clamar por auxílio, para que os anciãos acorram ao palácio.
- 1350 — E a mim parece-me melhor forçar o mais depressa possível a entrada no palácio, para apanhar em flagrante os assassinos com a espada ainda a escorrer sangue.
- Também eu adiro a uma proposta de gênero, voto que se faça alguma coisa: o momento não é para hesitações.
- 1355 — É preciso ver: isto não passa de um prelúdio, de um sinal da tirania que estão preparando contra a cidade.
- Entretanto, nós perdemos tempo, enquanto eles calcam a pés a fama¹³² de terem hesitado, não deixando adormecer a mão.
- Não sei que opinião hei de exprimir. Quem age, deve traçar primeiro um plano de ação.
- 1360 — Concordo. Efetivamente, o morto não vai ressuscitar com palavras.
- Será que, na tentativa de prolongar a nossa vida, vamos ceder aos novos senhores que desonram o palácio?
- Não, isso não se pode suportar! Mais vale morrer! A morte é um
- 1365 destino mais doce do que a tirania!
- Mas só com base em uns gemidos vamos profetizar que o nosso rei morreu?
- Só depois de apurados os fatos podemos discutir o assunto: conjecturar é muito diferente de saber.
- 1370 — Estou inteiramente decidido a aprovar a seguinte proposta: saber exatamente o que se passa com o Átrida.

*A porta do palácio abre-se e deixa ver os cadáveres
de Agamenon e Cassandra. De pé, Clitemnestra empunha
uma espada ensangüentada.*

CLITEMNESTRA

- Não me envergonharei de dizer o contrário do muito que antes disse por conveniência. É evidente que, quando se preparam atos de inimizade
- 1375 de contra inimigos, que passam por ser amigos, não é possível de outro

modo armar as redes da desgraça a uma altura intransponível ao salto. O momento tão desejado de sanar a antiga disputa chegou, finalmente. E eu estou aqui, no lugar onde dei o golpe, com a obra realizada. Agi — não o negarei — de modo a ele não poder escapar nem eximir-se ao seu destino fatal. Em torno dele, como se de um peixe se tratasse, lanço a rede inextricável, rico traje de morte, e vibro-lhe dois golpes. Em dois gemidos ele deixa descair os membros e então, quando o vejo caído, junto um terceiro golpe, que é como uma votiva ação de graças ao deus subterrâneo, Hades,¹³³ o salvador dos mortos. Estendido no solo, ele entrega¹³⁴ então o espírito e, numa golfada viva de sangue, trespassado pelo ferro,¹³⁵ atinge-me com um escuro chuvisco de orvalho sangrento, que me é tão grato como ao campo semeado a benção da chuva, esplendor enviado por Zeus durante o parto das espigas. 1380 1385 1390

Sendo assim os fatos, venerandos anciãos de Argos aqui presentes, alegrai-vos, se quereis alegrar-vos, que eu glorio-me do que fiz. E, se fosse permitido fazer libações sobre um cadáver, seria justo, e até mais do que justo, fazê-las neste caso, pois este homem, na sua própria casa, encheu a cratera de tantos males execráveis que acabou por bebê-la até ao fim,¹³⁶ no seu regresso. 1395

CORIFEU

Admiramos a tua língua, a audácia das palavras com que te jactas em relação a teu marido. 1400

CLITEMNESTRA

Estais a experimentar-me como se eu fosse uma mulher insensata. mas falo-vos, com um coração que, como sabeis, não conhece o medo. Aliás, vindos de vós, louvores ou censuras deixam-me indiferente. Este é Agamenon, meu marido, agora cadáver por obra da minha mão direita, justa artífice. E é tudo! 1405

CORO¹³⁷

Mulher, que alimento maldito, criado pela terra, ou que beberagem, proveniente do mar sempre em movimento, tu ingeriste, para ousares tal sacrifício, atraindo assim as maldições populares? Tu lançaste fora, tu cortaste¹³⁸ e, por isso, serás banida da cidade, objeto do ódio potente dos cidadãos. 1410

CLITEMNESTRA

Hoje condenas-me ao exílio e votas-me ao ódio dos cidadãos e às maldições populares. Mas não tomaste então nenhuma atitude contra este homem, quando ele, despreocupado, como se se tratasse da morte de uma ovelha, saída da multidão dos seus rebanhos bem penteados, sacrificou a sua própria filha, a dor mais cara das minhas entranhas, para encantar os ventos da Trácia. Não era a ele que tu devias ter banido desta terra como castigo dos seus crimes? Mas não, senhor, é ao tomar conhecimento dos meus atos que tu te arvoras em severo juiz. Digo-te, porém, que faças essas ameaças, tendo bem presente que estou preparada para tudo: ou para ser dominada por quem me vença pela força, ou, se um deus ordenar o contrário, para te ensinar, embora tarde, a ser prudente.

CORO

Visas alto nos teus desígnios e as tuas palavras são arrogantes. Assim como o teu espírito está louco, manchado por um ato sangrento, assim uma mancha de sangue se evidencia nos teus olhos. Para compensar o mal, privada de amigos, terás ainda de pagar o golpe com o golpe.

CLITEMNESTRA

Atende, tu também, à solenidade do meu juramento. Pela justiça, que vingou a minha filha, pela Ate e pela Erínia, às quais imolei este homem, juro-te que, em mim, a esperança não pisará a casa do medo, enquanto Egisto acender o fogo na minha lareira e me for leal como antes. Nele eu tenho o meu grande escudo de segurança.

Ei-lo por terra, o homem que me ultrajou, que fez as delícias das Criseidas¹³⁹ junto de Ílio e a seu lado jaz também esta escrava observadora de prodígios, a profetisa que foi sua companheira de leito, a fiel concubina, que, com ele,¹⁴⁰ gastou os bancos da nau. Mas o destino de ambos não deixou de ter o seu privilégio: ele jaz assim, como vedes, e ela, depois de entoar, como um cisne, o seu último lamento de morte, está amorosamente estendida junto dele. Ao trazê-la, ele só veio juntar um condimento aos prazeres do meu leito.¹⁴¹

CORO

Ai, que destino poderá vir, sem agonia nem longa permanência no

leito, trazer-nos, célere, o sono interminável da morte, agora que já não temos o nosso dedicadíssimo protetor, que muito sofreu por causa de uma mulher e às mãos de outra mulher perdeu a vida! 1450

CORIFEU

Ah! louca Helena, tu que, sozinha, destruíste muitas, ai, tantas vidas junto das muralhas de Tróia. 1455

CORO

Coroaste-te agora com a grinalda final e perfeita, tornada inesquecível pelo sangue que não pode ser lavado. Havia realmente no palácio um espírito de discórdia, inextirpável, votado à desgraça de um herói. 1460

CLITEMNESTRA

Não peças um destino de morte, só porque estes fatos te oprimem, nem voltes a tua ira contra Helena, porque, destruidora de homens, ela sozinha causou a ruína de muitos guerreiros gregos, abrindo uma ferida insanável. 1465

CORO

Ó *daimon*,¹⁴² que te abates sobre este palácio e sobre os dois¹⁴³ descendentes de Tântalo e, através de mulheres¹⁴⁴ de alma igual, exerces um poder que me rasga o coração...Pousado sobre o cadáver, como um corvo odioso, ele jacta-se de cantar um canto sem melodia...¹⁴⁵ 1470

CLITEMNESTRA

Acabas de retificar o pensamento que há pouco exprimis-te, invocando o *daimon* que três¹⁴⁶ vezes engordou à custa desta raça. De fato, é ele que alimenta nas nossas entranhas este desejo de beber sangue. E, antes de cessar a velha dor, novo abcesso se abre. 1475
1480

CORO

O teu louvor dirige-se, por certo, a um potente *daimon*, devastador da casa, senhor de pesada ira: ai! ai! um triste louvor, insaciável de sorte funesta. E isto, ai! ai!, pela vontade de Zeus, que é a causa de tudo e o executor de tudo. Pois que é que, no mundo, se realiza sem Zeus? Qual destes acontecimentos não foi ordenado pelos deuses? 1485

CORIFEU

1490 Ah! Ah! meu rei, meu rei, como te chorarei? Do fundo do meu peito
amigo, que te direi? Jazes nesta teia de aranha, exalando a vida numa
morte ímpia.

CORO

1495 Dominado, ai de mim, neste leito indigno de um homem livre, por
uma mão traiçoeira, que brandiu uma arma de dois gumes.

CLITEMNESTRA

1500 Afirmas, convicto, que esta obra é minha, imaginando,¹⁴⁷
assim, que eu sou a esposa de Agamenon. Na realidade, é o anti-
go áspero gênio vingador do crime de Atreu, o cruel anfitrião,
que se mostra sob os traços da mulher deste morto, sacrificando
esta vítima adulta em pagamento do assassinato das crianças.

CORO

1505 Que tu és inocente deste crime, quem o atestará? Como? Como?
Mas um espírito vingador do crime de um pai¹⁴⁸ pode bem ser teu cúmp-
lice. Violentemente, o negro Ares faz brotar frescas correntes de san-
gue familiar que, em toda a sua extensão, oferecerá ao sangue¹⁴⁹ coalha-
do das crianças devoradas.

CORIFEU

1515 Ah! Ah! meu rei, meu rei, como te chorarei? Do fundo do meu peito
amigo, que te direi? Jazes nesta teia de aranha, exalando a vida numa
morte ímpia.

CORO

1520 Dominado, ai de mim, neste leito indigno de um homem livre, por
uma mão traiçoeira, que brandiu uma arma de dois gumes.

CLITEMNESTRA

1525 Não creio que se possa considerar indigna a morte deste homem...¹⁵⁰
Efetivamente, não foi pela traição que ele fez a desgraça cair sobre o
palácio? Sofreu o que merecia, por ter dado ao meu rebento, dele conce-
bido, a minha muito chorada Ifigênia, uma sorte imerecida.¹⁵¹ Não po-
derá jactar-se no Hades: pagou com a morte pela espada o mal que fez.

CORO

Privado do recurso industrioso do pensamento, não sei para onde me voltar, agora que a casa está a ruir. O simples aguaceiro terminou: neste momento, aterra-me o fragor sangrento do dilúvio que abala o palácio nos seus alicerces. Já, para um novo castigo, o destino afia a justiça em outras pedras de amolar. 1530
1535

CORIFEU

Ó Terra, Terra, quem dera que me tivesses acolhido no teu seio, antes de ver este homem estendido no fundo de uma banheira de paredes de prata! Quem lhe dará sepultura? Quem lhe cantará o treno? Ousarás tu fazer isto, chorar o teu marido depois de o ter matado, e iniquamente prestar à sua alma uma homenagem que é uma irrisão em troca dos seus grandes feitos? 1540
1545

CORO

E quem, acompanhando com lágrimas o elogio fúnebre deste homem divino, fará isto com sinceridade de coração? 1550

CLITEMNESTRA

Não é a ti que compete esse cuidado. Às nossas mãos caiu e morreu; as nossas mãos o sepultarão. Não terá os lamentos dos familiares, mas Ifigênia, a sua filha, virá, como é seu dever, amorosamente ao seu encontro junto do curso rápido do rio¹⁵² das dores e, envolvendo-o nos seus braços, beijá-lo-á. 1555

CORO

Ultraje responde a ultraje: difícil é julgar. Quem rouba é roubado; quem mata recebe o seu pagamento. Enquanto Zeus se mantiver no seu trono, manter-se-á a lei de que o pecador tem de sofrer: assim está superiormente determinado. Quem poderá expulsar da casa a semente da maldição? A raça está ligada à desgraça. 1560
1565

CLITEMNESTRA

Ao proferires este oráculo, acertaste na verdade. Pela minha parte, entrando num acordo com o *daimon* dos Plistênidas,¹⁵³ quero aceitar com resignação estas coisas, por mais difíceis que sejam de tolerar, desde que, no futuro, saindo desta casa, ele vá arruinar outra família com 1570

1575 mortes domésticas. Contento-me com uma parte dos meus bens, uma vez que eu elimine desta casa a loucura de mútuos homicídios.

ÊXODO

EGISTO

Ó luz amável do dia portador da justiça! Finalmente posso dizer que os deuses, vingadores dos mortais, vigiam do alto os sofrimentos da terra, agora que eu vi este homem jazer, para minha alegria, nas vestes tecidas pelas Erínias, pagando as maquinações da mão paterna. De fato, 1580 Atreu, pai deste homem, governava esta terra e vendo-se desafiado no seu poder, expulsou da cidade e da casa Tiestes, o meu pai, para ser mais preciso, e irmão dele.¹⁵⁴ E o infeliz Tiestes, regressando ao lar como 1585 suplicante, teve a sorte de não morrer imediatamente, ensanguentando ali mesmo o pátrio solo. Mas, sob a capa de presente de hospitalidade, o 1590 pai ímpio deste homem, Atreu, com mais zelo do que afeto, fingindo celebrar alegremente um dia de sacrifício, serviu ao meu pai um banquete com a carne dos seus próprio filhos. Fez-lhes em pedaços os pés e 1595 as extremidades das mãos...¹⁵⁵ sentado sozinho à cabeceira da mesa. E Tiestes, sem se dar conta de que pegava em pedaços indistintos dos seus filhos, come-os, fazendo, como vês, uma refeição funesta para a raça. Depois, quando se apercebeu do fato monstruoso, soltou um gemido e 1600 caiu de costas, vomitando as carnes trucidadas. Para os Pelópidas¹⁵⁶ ele invoca um destino intolerável e, derrubando a mesa com um pontapé, profere a seguinte imprecação: «Assim pereça toda a raça de Plístenes». Como consequência disto, podes ver este homem caído. E eu sou o justo urdidor desta morte porque, sendo o décimo terceiro filho do meu desgraçado progenitor, fui com ele expulso, quando ainda era bebê nas suas faixas. Mas a justiça trouxe-me, já adulto, de novo à minha pátria. E, sem entrar em casa, pus as mãos neste homem, porque fui eu que teci 1605 toda a trama do funesto plano. Agora, até a morte seria benvinda para mim, depois de ter visto este homem preso nas malhas da justiça. 1610

CORIFEU

Egisto, não aprovo a insolência no crime. Tu afirmas ter

deliberadamente assassinado este homem e planejado, sozinho, esta morte lamentável. Pois eu digo que, na hora da justiça, a tua cabeça não escapará, disso podes estar certo, às lapidações e maldições do povo. 1615

EGISTO

E és tu que falas assim, sentado no último banco dos remadores, enquanto os que mandam no barco ocupam o banco do piloto? Velho como és, aprenderás como é duro ser ensinado na tua idade, quando a ordem é ser prudente. A prisão e os tormentos da fome são os mais eminentes médicos da alma, capazes de ensinar a própria velhice. Tens olhos e não vês isto? Não dês pontapés no aguilhão: batendo-lhe, podes machucar-te. 1620

CORIFEU

Não passas de mulher, tu que, metido em casa, desonravas o leito do herói, ao mesmo tempo que maquinavas a morte contra quem acabava de chegar da batalha, contra o chefe do exército! 1625

EGISTO

Essas palavras hão de gerar muitas lágrimas. A tua língua é o contrário da de Orfeu:¹⁵⁷ enquanto este arrastava tudo atrás de si pelo encanto da sua voz, tu irritas quem te ouve com o teu ladrar insensato. Hás de ser levado para a prisão e, uma vez dominado, amansarás... 1630

CORIFEU

Como se tu, alguma vez, pudesses vir a ser o senhor dos argivos, tu que tramaste a morte deste homem, mas não tiveste a coragem de agir, matando-o com a tua própria mão! 1635

EGISTO

Agir com dolo era evidentemente ofício de mulher. Lembra-se que eu, sendo inimigo de longa data, era naturalmente suspeito. Mas as riquezas deste homem hão de facilitar-me o governo dos cidadãos. E quem não obedecer será atado a um pesado jugo — não o tratarei, por certo, como a um jovem cavalo de reforço, bem alimentado a cevada. A fome, odiosa companheira das trevas, verá como ele há de abrandar. 1640

CORIFEU

Por que é que não mataste tu próprio este homem, alma covarde,

1645 mas foi uma mulher, nódoa desta terra e dos nossos deuses, que o assassinou?

Não estará Orestes algures vivo, para regressar aqui com sorte propícia e dar a ambos a morte com o seu braço triunfante?

EGISTO

Está bem, uma vez que pareces resolvido a atuar e falar assim, vais aprender imediatamente. Eia, guardas amigos, tendes
1650 trabalho à nossa frente.

CORIFEU

Eia, que cada um empunhe a sua espada!

EGISTO

Também eu empunho a espada e estou pronto para morrer.

CORIFEU

Falas da tua morte e nós aceitamos a previsão. Essa perspectiva nos sorri.

CLITEMNESTRA

Não, ó mais querido dos homens, não façamos mais desgraças. Já o
1655 que passou é muito para colher, seara infeliz. Mas basta de amarguras! Não nos manchemos mais de sangûe. Ide, velhos,¹⁵⁸ para vossa casa...,¹⁵⁹ antes que a ação vos traga sofrimento. Devemos aceitar o que está feito, como está feito. E, se estas aflições pudessem ficar por aqui, isso seria para nós motivo de grande alegria, feridos como estamos profundamente
1660 te pela garra pesada do *daimon*. Isto é o que uma mulher tem para dizer, se se considera útil escutá-la.

EGISTO

Mas estes precisam colher o fruto da sua língua vã, ao desferir tais palavras que põem à prova a sua sorte! Falta-lhes o equilíbrio, ao ponto de atacarem¹⁶⁰ o seu senhor.

CORIFEU

1665 Não seria próprio de argivos adular um vilão.

EGISTO

Um dia virá em que ainda me hei de vingar de ti.

CORIFEU

Não, se um *daimon* dirigir os passos de Orestes para aqui.

EGISTO

Eu sei que os exilados se alimentam de esperanças.

CORIFEU

Continua a engordar, manchando a justiça, enquanto podes.

EGISTO

Sabe que me hás de pagar por esta loucura.

1670

CORIFEU

Vangloria-te, mostra-te corajoso, como um galo ao pé da galinha.

CLITEMNESTRA

Deixa ladrar à vontade: somos os senhores desta casa, conosco vai entrar tudo na ordem!¹⁶¹

NOTAS

NOTAS DA INTRODUÇÃO

1. *Form and meaning in Drama*, p. 69 e segs.
2. Vide M. Pulquério. “O problema do sacrificio de Efigênia no *Agamenon* de Ésquilo”. *Humanitas*, 21-22, 1970, pp. 365-77.
3. “Artemis und Agamemnon in der Parodos des Aischyleischen *Agamemnon*”. *Hermes*, 107, 1979, p. 25.
4. *Aeschylus: Agamemnon*, 1960, p. XXIII e segs.
5. Outras funções assinala Reinhardt à portentosa cena de Cassandra do *Agamenon*: substituição da vulgar narrativa de um mensageiro «para tornar visível o que se passa dentro do palácio»; «revelação daquilo que a carreira de Agamenon oculta sob a sua pompa»; «contraste entre a ruína consciente (Cassandra) e a ruína cega (Agamenon), ambas realizando a expiação de uma culpa» (*Aischylos als Regisseur und Theologe*, 1949, pp.101-2).
6. Em contraste com a mesquinhez da figura de Egisto, sem brilho nem elevação. Tal como Orestes, nas *Coéforas* (v. 305), o Coro reduzi-lo-á desdenhosamente à condição de mulher (v. 1625).

NOTAS DO TEXTO

1. Um homem deitado sobre os cotovelos não se assemelha nada a um cão, argumenta Page, que propõe para *ἄγκᾶθεν* a interpretação de “no alto, ou seja, no telhado”. Direi que, deitado de costas (posição que se julgaria natural para observar os astros), é que um homem não daria idéia nenhuma de um cão.
2. Scholefield escreveu: «*κάτοιδ ἄστέρως ὅταν φθίνωσιν idem est quod κάτοιδα ἀστέρων φθίσιν*». O verso, eliminado por Fraenkel, deve, pois, ser mantido e interpretado como um exemplo de *variatio*. Recorde-se, a propósito, a observação correta de Page: um interpolador não escreveria um verso destes com uma forma verbal insólita (*φθίνωσιν*) e o genitivo isolado do artigo com valor de demonstrativo (*τῶν*) em posição final de verso.
3. Os tradutores recuam, normalmente, aqui ante a audácia da linguagem esquiliana, mas uma tradução como «usando o canto como remédio contra sono» empobrece, a meu ver, o texto. A metáfora foi o poeta buscá-la à medicina do seu tempo que recorria, muitas vezes, à cirurgia no tratamento das doenças.
4. Alusão a um jogo de dados, com movimento de peças num tabuleiro, em que a vitória era, desde logo, alcançada por um lançamento de três seis.
5. Parece-me forçada a interpretação de *ἐκπατίσις* como significando «fora dos seus leitos», livremente referido a dores (*ἄλγεσι*) em vez de a filhos (*παίδων*). O passo de Eurípedes, Bac. *χλοεραῖς λείμακος ἠδοναῖς*, referindo por Page, não é a meu ver comparável «com os prazeres *verdes* do prado». O poeta está falando da corça. Ora os prazeres podem dizer-se «verdes» porque tomam a cor daquilo que os inspira, assimilando-se neste sentido à própria verdura dos campos. Mas a dor ser apelidada de «fora dos seus leitos» parece-me inaceitável, além do mais porque «fora dos seus leitos» se ligaria pelo sentido a “filhos” (*παίδων*) e não ao sujeito do sentimento expresso por “dores” (*ἄλγεσι*). Justifica-se, portanto, a tradução de *ἐκπάτιος* por «extremo, excessivo».
6. Metecos eram os estrangeiros domiciliados em Atenas.
7. As Erínias eram deusas personificadoras da vingança.

8. Recorde-se o comentário de Schütz: «*primum hastis pugnabant, deinde, illis fractis, gladiis utebantur*». O despedaçar das lanças ocorria, portanto, no início dos combates.
9. Contra Fraenkel e Page entendo que deve manter-se a tradição manuscrita *ὑποκλαίων*, em vez da hipótese *ὑποκαίων*, que estaria de certo modo em contradição com o *ἀπύρων* do verso seguinte. Saliento o crescendo que se verifica na passagem de *ὑποκλαίων* para *δακρύων* (igualmente de manter).
10. Não creio que se imponha a alteração do *ἀνάσσω* dos códices em *ἀνασσω* (Fraenkel; Page). Argumenta Fraenkel que o *ἀνάσειν*, função do *μυελός*, não se limita ao período da juventude. É exatamente assim, mas, por isso mesmo, se diz que a medula dos jovens é igual à dos velhos.
11. Com Fraenkel admito a ausência de Clitemnestra (o silêncio não teria aqui especial valor dramático) e as apóstrofes à ausente. Cf. o párodo do *Hipólito* de Eurípidas.
12. Mantenho a tradição manuscrita *ἀγανὰ φαίνουσ’* (F Tr). A tradução do v. 103 é meramente conjectural.
13. Ésquilo refere-se a dois tipos de águias, conhecidos no seu tempo.
14. O masc. *βλαβέντα* concorda com o implícito *λαγών* (masc.), equivalente a *λαγίαν γένναν*. O *βλάψαντε* de Page parece inaceitável pelo sentido e pela forma.
15. *Πρόσθε* tem, quanto a mim, um valor temporal e não locativo. Em relação a este segundo sentido, Page tem razão: a destruição de gado *no exterior* da cidade é pouco razoável no contexto. Impõe-se a interpretação de *κτήνη* como “bens, tesouros” em vez de “gado”.
16. Não vejo motivo para alterar a lição dos códices ἄ’Υ.
17. Alusão ao sacrifício de Ifigênia.
18. Ártemis tinha no culto, entre outros epítetos, o de «belíssima» (Page).
19. Da ousadia da metáfora que designa por «gotas de orvalho» as crias dos leões não dá conta a generalidade dos tradutores.
20. Com Page mantenho a lição dos códices *αἰτεῖ* e subentendo *τὸν Δία* (Zeus).
21. Os aspectos favoráveis são a tomada de Tróia. Quanto ao sentido de *στρουθός* (pardal; ave), eliminado do texto por Fraenkel e Page, se é impossível “ave”, como explicar então a interpolação?
22. Um dos epítetos de Apolo.

23. Nova alusão ao sacrifício de Ifigênia.
24. Urano.
25. Cronos.
26. Zeus.
27. A tradução assenta na correção *βίαιος*, proposta por Turnebus. Segundo Page, *βίαιος* repete o *παρ' ἄκοντας* dos versos anteriores. Não se trata, porém, de repetição, mas de introdução da idéia nova do favor divino. A aprendizagem pelo sofrimento não significa só que ao crime sucede a expiação. Aprendizagem é mais do que isso, é o reconhecimento pelo homem dos seus limites.
28. Rio da Trácia.
29. É natural que «outros remédios» tivessem já sido considerados.
30. A explicação de *περιπετῆ*, dada por Lloyd-Jones e aceita por Page («caindo, abraçada às vestes de Agamenon» numa atitude de suplicante) não satisfaz, porque exprime uma atitude inconciliável com o que se diz anteriormente no texto: suplicar, agarrada aos trajes do pai, não se coaduna com o estar suspensa por cima do altar.
31. Afirmo Page que o 2º elemento do adjetivo composto *καλλιπρώρου* é sem sentido, no que é acompanhado pela generalidade dos tradutores. Não entendo assim e, por isso, traduzo com rigor a metáfora esquiliana.
32. O fim do banquete era assinalado por três libações, a última das quais era freqüentemente seguida pelo canto de um peã (composição coral normalmente em honra de Apolo).
33. A terra de Ápis (filho de Apolo) era Argos.
34. Admito, com Fraenkel (nota a 256f.), a referência das últimas palavras do párodo a Clitemnestra.
35. Monte da Tróade.
36. Ilha do Egeu.
37. Monte da Trácia.
38. Texto lacunar.
39. Monte de localização desconhecida, talvez na Eubéia.
40. Monte entre a Eubéia e a Beócia.
41. Rio da Beócia.
41. Monte entre a Ática e a Beócia.
43. Tanto o lago como a montanha referidos não são suscetíveis de

identificação segura.

44. Texto adulterado.
45. Extremidade noroeste do golfo Sarônico (Mazon).
46. Considera Fraenkel quase grotesca a comparação implícita com a corrida ática dos archotes (lampadedromia), dado que não há aqui outra equipe a competir. O argumento parece-me pouco convincente: o que interessa a Êsquilo é que *todos* os membros da equipe são vencedores.
47. Observa Page que, sendo mais natural o choro dos velhos pais sobre os cadáveres dos filhos, o texto é provavelmente adulterado. Entendo que o mais corrente não tem necessariamente a preferência de Êsquilo: o que o poeta pretende salientar é a situação dos jovens, tornados escravos.
48. A corrida no estádio, designada por *diaulos*, comportava duas partes, a segunda das quais era, desde o limite da primeira parte, o regresso ao ponto de partida.
49. Referência ao sacrifício de Ifigênia, seguida da ameaça velada feita a Agamenon (o «mal inesperado»).
50. Contrariamente ao que diz Fraenkel, não me parece haver aqui contradição com a referência geral desta parte do estásimo a Páris e seus contemporâneos. O poeta está num plano geral e as palavras vêm no seguimento da afirmação anterior: a pretensa indiferença dos deuses perante o mal. De resto, como observa Page, Páris é o descendente de uma sociedade corrupta, cujas faltas paga.
51. *ἀπίστους* é lição de Wilamowitz, aceita por Fraenkel.
52. A palavra tem sido referida às estátuas, a Menelau ou a Helena. Traduzo de acordo com a última interpretação.
53. O rosto de Helena arrependida.
54. Texto proposto por Page.
55. Com Fraenkel atribuo os vv. 489-502 ao Corifeu, em vez de seguir os manuscritos na atribuição de 489-500 a Clitemnestra.
56. O senhor de Pito (zona da Fócida onde se encontra Delfos) é Apolo.
57. Rio da Tróade.
58. Na opinião de Page, «deuses da Assembléia» (idênticos aos «deuses da praça pública» do v. 90) é sentido mais provável do que «deuses em assembléia».
59. É de manter o v. 527, eliminado por Fraenkel. Na sua simplicidade

o Arauto mostra não ter consciência das graves implicações religiosas dos atos sacrílegos que refere. A possibilidade de que tais fatos ocorram está, de resto, implícita nas palavras de Clitemnestra, em 338 e segs.

60. *στρατοῦ*: lição recomendada por Page.
61. Tradução do texto dos manuscritos, considerado corrupto por Fraenkel (*vide* Page).
62. Acho que os vv. 570-2 se devem manter, e na ordem apresentada pelos manuscritos. Em primeiro lugar, não se pode exigir grande rigor lingüístico à fala de uma personagem simples como o Arauto. Depois, não me parece existir no texto grave ofensa ao nexos dos pensamentos: os vv. 573-4 desenvolvem naturalmente a idéia do verso anterior; por outro lado, os vv. 570-1 ligam-se diretamente à referência feita pouco antes aos mortos. E não creio que os vv. 570-1 traduzam dureza insuportável em relação aos pais dos mortos: o Arauto põe apenas o acento na vitória, é tudo.
63. Mantendo, com Page, o texto dos manuscritos (*ποτωμένοις*).
64. Ao ausentar-se, o senhor selava tudo o que queria resguardado.
65. De forma velada, o Coro quer significar o seguinte: argutos intérpretes dirão que o discurso *só é belo na aparência*.
66. A alusão provável às duas pontas metálicas em que termina o chicote de Ares. Que as duas pontas se refiram ao duplo mal (público e privado), mencionado pelo Arauto, parece-me muito duvidoso, visto que a «sangrenta parelha» aparece, no texto, apenas em relação com a calamidade privada.
67. O peã é um canto com caráter oposto à natureza das Erínias, donde o epíteto de “novo” («paradoxo blasfemo», escreve Fraenkel).
68. «Pérfido» em vez de «inábil» confere um *pathos* mais intenso à cena do temporal.
69. Metáfora poderosa, terrivelmente eficaz, que, inexplicavelmente, Page considera «excepcionalmente incongruente».
70. Hades, irmão de Zeus, era o senhor dos infernos.
71. Há, no grego, um jogo de palavras, intraduzível em português, que explora a semelhança entre o nome Helena e a primeira parte dos compostos com sentido de “destruidora”.
72. Rio da Tróade.
73. Tradução aproximada dos vv. 714-5, irremediavelmente adulterados.

74. Deusa da desgraça.
75. Contrariamente à opinião de Mazon, entendo que o poeta se refere aos olhos de Helena, não aos olhos dos que a contemplam.
76. A tradução dos vv. 766-7 é um tanto incerta, dado o estado adulterado do texto.
77. Entendo, com Page, que se deve manter a tradição *σαίνειν* no v. 798.
78. Traduzo o texto da tradição, recusado por Fraenkel e Page. Efetivamente, uma pessoa não pode ser “voluntária”, mas uma audácia pode e esta audácia representa uma pessoa, animada de tal sentimento. E o fato de Helena estar mencionada acima facilita a compreensão da metáfora.
79. O tribunal aqui é o campo de batalha, em que as alegações são feitas pelos braços em luta.
80. Alusão a um sistema de votação, em que, para guardar o segredo do voto, cada juiz aproxima as mãos das duas urnas (a da condenação e a da absolvição), impedindo assim os assistentes de saber em qual delas lançou o seu voto e, portanto, qual delas ficou vazia (*vide* Mazon).
81. Alusão ao cavalo de Tróia.
82. A referência ao adiantado da noite parece-me mais conforme com a situação do que a referência ao mês. Mazon recorda um fragmento de Safo: «As Plêiades e a lua deitaram-se: é meia-noite».
83. Page explica que os aduladores são sombras do rei e que, por isso, este só vê as imagens de sombras no espelho do convívio social.
84. Gigante de três corpos, que foi morto por Hércules.
85. O texto dos vv. 899-902 é o legado pela tradição. Relativamente ao comentário oportuno de Mazon a este passo, acrescenta-se que as palavras de Clitemnestra, a partir do v. 899, não pretende traduzir apenas uma sensação de inesperado, mas também a necessidade afetiva da presença de Agamenon, o sentimento de felicidade inerente ao seu regresso.
86. Saliente-se a ambigüidade ameaçadora das palavras de Clitemnestra.
87. Não há razão para suspeitar do v. 925, que reforça, muito naturalmente, o v. 922.
88. A equivalência entre *ποδόψηστρα* (tapetes para os pés) e *ποικίλα* (tecido bordado), que impressiona desfavoravelmente Fraenkel

- (donde a diferente interpretação proposta), parece-me, pelo contrário, intencional: Agamenon prepara subterraneamente o seu espírito para ato de *ὑβρις*, desvalorizando conseqüentemente os *ποικίλα*. Ver a nota de Page ao v. 926.
89. Notar a ambigüidade da linguagem.
 90. Estrela pertencente à constelação do Cão Maior, também conhecida por Canícula. O seu aparecimento marca o período de mais intenso calor no verão.
 91. Duplo sentido sinistro.
 92. «A ruína (Ate) envelheceu» (segundo a correção do texto proposta por Page) não me parece boa solução para as dificuldades do texto. No momento em que o Coro canta, não se pode dizer que a Ate está velha, mas na pujança da maturidade. Quanto ao «lançar os cabos para a areia», note-se que o fato faz sentido em Tróia, não em Áulide. Conclusão: o melhor ainda é aceitar, como faz Fraenkel, a correção de Wilamowitz (*ψάμμος ἄμπτα*) apesar das dificuldades paleográficas.
 93. Sentido provável, dada a adulteração dos vv.1001-2.
 94. A falta de correspondência com a antístrofe acusa a falta de um verso antes ou depois de 1005. De qualquer modo, o sentido parece não oferecer dificuldades.
 95. Asclépio, filho de Apolo, que dominava os segredos da arte médica, chegou a ressuscitar um morto, o que motivou os protestos de Hades. Zeus fulminou-o com o raio.
 96. A vida do homem é uma série de acontecimentos, balizados no tempo, que se sucedem por uma ordem inalterável, superiormente determinada pelo destino.
 97. Hércules foi, algum tempo, escravo de Ônfale, rainha da Lídia.
 98. Admite-se a existência de uma lacuna depois do v. 1045, em todo o caso o sentido parece claro.
 99. Com Page, entendo que não se justifica a eliminação do v. 1058.
 100. Epíteto de Apolo, relacionado com o caráter ambíguo dos seus oráculos.
 101. Ésquilo joga com a semelhança existente entre a palavra Apolo e o verbo *ἀπόλλυμι*, que significa “destruir”.
 102. Texto adulterado.
 103. Referência ao assassinato dos filhos de Tiestes, que são servidos, em uma refeição maldita, ao seu próprio pai. Assim, Atreu se vin-

- ga do adultério contra ele praticado pelo irmão Tiestes.
104. A «gota cor de açafão» é o sangue. Observa Page que «o *amarelo* é a cor do rosto associada com a emoção do medo».
 105. A «arma insidiosa» é uma espada ou um machado? Em um apêndice à sua edição do *Agamenon*, Fraenkel defende, de forma convincente, a hipótese da «espada».
 106. Vaso onde se misturava o vinho e a água, que depois eram colocados nas taças.
 107. Procne, mãe de Ítis, para se vingar de seu marido, assassinou o filho e foi, por isso, transformada em rouxinol, que leva a vida a chorar a morte de Ítis.
 108. Depois da referência feita pelo Coro à vida triste do rouxinol, as palavras de Cassandra levantam um problema grave de interpretação. Como entender a expressão *κλαυμάτων ἄτερ* («sem lágrimas»)? A solução da dificuldade pode ser a seguinte: Cassandra *corrige* as afirmações do Coro, opondo a vida alígera do rouxinol à sua, condenada a uma morte violenta. Negando os sofrimentos do rouxinol, Cassandra encarece os sofrimentos próprios. Quanto ao sentido de *μόρον*, longamente discutido por Page, não vejo porque a palavra não há de apresentar o sentido de “destino”, documentado em Homero.
 109. O Cocito e o Aqueronte são rios dos infernos. O primeiro é o rio dos gemidos; o segundo, o da tristeza e da aflição.
 110. Sentido provável do v. 1172, dada a incerteza do texto.
 111. A tradição manuscrita (*μ'εἰδέναι*) é confirmada pelas palavras seguintes do Coro: Cassandra *conhece* o passado, apesar de ter vivido longe e acabar de chegar. E o sentido harmoniza-se bem com as palavras anteriores de Cassandra.
 112. Há uma lacuna no texto.
 113. Nos sacrifícios havia costume de comer as vísceras, com exceção dos intestinos. Page acentua o horror do pormenor.
 114. Referência a Egisto, que se justifica, apesar das objeções de Page, pelo fato de o leão ser a insígnia dos Pelópidas. Mazon recorda, a propósito, os leões que encimavam a porta da acrópole micênica.
 115. Concordo com Page em que não há razão válida para suprimir o v. 1226.
 116. Dragão de duas cabeças, cada uma em sua extremidade.

117. Monstro de seis cabeças, que a fábula situava no estreito da Sicília.
118. Alusão ao sacrifício de Ifigênia.
119. Epíteto de Apolo, sob a invocação do «deus que cura».
120. Os oráculos de Delfos.
121. Segundo Eckels, citado por Fraenkel, Apolo era invocado, sob este epíteto, originariamente contra os lobos, mas, neste passo, contra uma grande variedade de desgraças e calamidades. Notar, no entanto, a observação sugestiva de Schneidewin sobre «a designação de Egisto como lobo», que ocorre pouco depois no texto (Fraenkel).
122. Não se justifica, a meu ver, a alteração do texto tradicional.
123. Orestes.
124. Com Page aceite a transposição, proposta por Hermann, do v. 1290 para depois do v. 1283. É uma boa solução para a dificuldade reconhecida por Fraenkel.
125. Texto adulterado.
126. Clitemnestra.
127. Egisto.
128. Adulterado o texto dos vv. 1324-5, donde o caráter incerto da tradução.
129. Uma boa interpretação deste passo tão controverso parece ter sido dada por Conington (citado por Page): Cassandra acha mais lamentável a mudança da adversidade para o aniquilamento do que da prosperidade para a adversidade.
130. A estrutura anapéstica que vai do v. 1331 ao v. 1342 está em substituição do 4º estásimo.
131. Na interpretação deste passo, Page refere «os três principais estádios de desenvolvimento da história: os filhos de Tiestes; Agamenon; Clitemnestra e Egisto».
132. Esta “fama” deve ser tomada em sentido pejorativo. Paley (citado por Page) sugere uma interpretação deste tipo para este passo obscuro.
133. Lição dos manuscritos.
134. Apesar das dificuldades do sentido, penso que é de manter a tradição *ὄρμαίνει*.
135. Traduzo o termo *σφαγήν* dos manuscritos, aceitando a ousadia da linguagem esquiliana.
136. O comentário de Page sobre o ilogismo de *ἐκπίνει* («nada ficou

- para uma libação») é inadequado porque a cratera em causa não é necessariamente a da libação.
137. O diálogo lírico-epirremático, que se estende do v. 1407 ao v. 1576, está em vez do 5º estásimo.
 138. Fraenkel considera muito sugestivo o uso das duas formas verbais (*ἀπέδιμες, ἀπέταμες*) «sem objeto definido».
 139. Criseida, filha do sacerdote Crises, foi atribuída como prêmio de honra a Agamenon na guerra contra os troianos.
 140. *ισοτριβης* (conjectura de Pauw) parece preferível ao *ισοτριβης* da tradição (*vide* Page).
 141. *εὐνής*: alusão à desforra que Clitemnestra tirou de Agamenon pelo seu adultério com Egisto. Texto incerto.
 142. Designação, que já ocorre em Homero, de uma divindade pessoal.
 143. Agamenon e Menelau.
 144. Helena e Clitemnestra.
 145. A métrica demonstra que falta uma palavra de duas sílabas no final da antístrofe.
 146. Entendo, com Page, que o elemento *τρι-* de *τριπάχυντον* tem sentido pleno, designando «a atividade do *daimon* ao longo de três gerações».
 147. Texto incerto.
 148. Atreu.
 149. Para resolver as dificuldades textuais dos vv. 1511-2, a melhor solução parece-me ser a de Hermann (*πάχνα κουροβόρω*), que é a que faz menos violência aos manuscritos.
 150. Neste ponto, o texto apresenta uma lacuna assinalada por Wilamowitz.
 151. Neste passo muito discutido adotei o texto de Page, que me parece resolver satisfatoriamente as dificuldades, sem a necessidade de recorrer a grandes alterações da tradição manuscrita.
 152. O Aqueronte.
 153. Descendentes de Plístenes, personagem cujo lugar na árvore genealógica de Atreu não se conhece exatamente (ver Fraenkel).
 154. Page (nota aos vv. 1577-8) sublinha a trivialidade deles do estilo em harmonia com o caráter ignóbil da personagem.
 155. Dificuldades de gramática e de sentido fazem suspeitar da existência de uma lacuna nos vv. 1594-5.

156. Descendentes de Pélops, pai de Atreu. Não há razão válida para duvidar da autenticidade do v. 1600.
157. Figura mítica de cantor e músico com dotes tão extraordinários que chegava a encantar os próprios seres insensíveis. Ficou célebre a sua descida aos infernos na tentativa frustrada de reconduzir para a vida sua esposa Eurídice.
158. A lição *αἰδοῖοι γέροντες* parece estar em contradição com a atitude de Clitemnestra em relação aos membros do Coro. Ver Page.
159. Texto adulterado.
160. Conjectura de Vossius, aceita por Fraenkel.
161. Texto incerto.

BIBLIOGRAFIA

Esta tradução do *Agamenon* tem como base o texto estabelecido por Fraenkel na sua monumental edição desta peça. Para elaboração das notas, o autor recorreu especialmente aos eruditos comentários de Fraenkel e Denniston-Page.

EDIÇÕES E TRADUÇÕES

- AMMENDOLA, G. *Eschilo. Agamennone*. Florença, «La Nuova Italia» Editrice, 1955.
- CHAMBRY, E. *Eschyle. Théâtre*. Paris, Librairie Garnier Frères, 1946.
- CLAUDEL, P. *Agamemnon d'Eschyle*, in *Théâtre*, tome I. Paris, Bibliothèque de La Pléiade, 1967.
- DENNISTON, J. - PAGE, D. *Aeschylus. Agamemnon*. Oxford University Press.¹1968.
- FRAENKEL (Ed.). *Aeschylus. Agamemnon*. 3 vols., Oxford University Press.² 1962.

- MAZON, P. *Eschyle*, tome II. Paris, Les Belles Lettres,⁶ 1955.
- MURRAY, G. *Aeschyli Septem Quae Supersunt Tragoediae*. Oxford University Press,² 1960 (repr.).
- SOUSA, J. A. de. *Oresteia*. Braga, 1966.
- WILAMOWITZ, U.-MOELLENDORFF. *Aeschyli Tragoediae*. Berlin,² 1958.

ESTUDOS

- BECK, R. *Aeschylus. Playwright educator*. The Hague, 1975.
- BENEDETTO, V. di. "La saggezza di Agamennone". *Dionisio* 48 (1977), pp.167-188.
- BERGSON, L. "The hymn to Zeus in Aeschylus' *Agamemnon*". *Eranos* 65 (1967), pp.12-24.
- . "Nochmals Artemis und Agamemnon". *Hermes* 110 (1982), pp.137-145.
- DAWE, R. D. "The place of the hymn to Zeus in Aeschylus' *Agamemnon*". *Eranos* 64 (1966), pp.1-21.
- GAGARIN, M. *Aeschylean Drama*. University of California Press, 1976.
- GANTZ, T. "The chorus of Aischylos' *Agamemnon*". *Harvard Studies in Classical Philology* 87 (1983), pp.65-86.
- GROSSMANN, G. *Promethie und Orestie*. Heidelberg, 1970.
- KITTO, H. D. F. *Form and meaning in Drama*. London, Methuen, 1959 (repr.).
- . *Greek Tragedy*. London, Methuen, reimpr. 1966 (trad.port.: Coimbra, Arménio Amado, 1972).
- NEITZEL, H. "Funktion und Bedeutung des Zeus-Hymnus im *Agamemnon* des Aischylos". *Hermes* 106 (1978), pp.406-425.
- . "Artemis und Agamemnon in der Parodos des Aischyleischen *Agamemnon*". *Hermes* 107 (1979), pp.10-32.
- LEBECK, A. *The Oresteia*. Harvard University Press, 1971.
- LLOYD-JONES, P. H. J. "Artemis and Iphigeneia". *The Journal of Hellenic Studies* 103 (1983), pp.87-102.

- OTIS, B. *Cosmos and Tragedy*. The University of North Carolina Press, 1981.
- POHLENZ, M. *Die griechische Tragoedie*. Goettingen, Vandenhoeck und Ruprecht,² 1954, 2 vols.
- PULQUÉRIO, M. O. "O problema do sacrificio de Ifigênia no *Agamenon* de Ésquilo". *Humanitas* 21-22 (1969-70), pp.365-77.
- REINHARDT, K. *Aischylos als Regisseur und Theologe*. Bern, 1949.
- ROSENMEYER, T. *The Art of Aeschylus*. University of California Press, 1982.
- SMITH, P. M. "On the hymn to Zeus in Aeschylus' *Agamemnon*". *American Classical Studies* 5, Ann Arbor, Michigan, 1980.
- STROHM, H. "Ueber einige Aktionen der Willenslenkung bei Aischylos". *Wiener Studien* 16 (1982), pp.47-55.



SIG Quadra 06 - Lote 1455
Fones: 344-3315/344-3200
Fax: 344-5397 - Brasilia-DF

**Coleção Clássicos Gregos e
Latinos**

As traquíneas
Sófocles

Lísis
Platão

Antígona
Sófocles

A sogra
Terêncio

A comédia da marmita
Plauto

A sair:

Hipólito
Eurípedes

Apologia de Sócrates
Platão

Édipo Rei
Sófocles



Todos esperam por Agamenon, rei das tropas argivas que combatem em Tróia, resgatando Helena. E os efeitos dessa espera difundem as mais diversas emoções. Ao tornar dramaticamente visível estes efeitos, Ésquilo leva a imaginação ao maior limite de sua possibilidade : o teste do olhar. Aqui nasce verdadeiramente o teatro, nessa tensão entre o palco e a platéia, entre ficção e realidade. O iminente retorno do rei é desfiada em recordações e perspectivas múltiplas como se a história se mostrasse a si mesma, sem mediação narrativa. As imagens são mais importantes que os fatos.

